



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

CRISTIANE DE OLIVEIRA SILVA

**AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL EM MATO GROSSO
DO SUL**

Campo Grande/MS

2024

Cristiane de Oliveira Silva

**AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL EM MATO GROSSO
DO SUL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos literários

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Susylene Dias de Araujo

Campo Grande/MS

2024

S578a Silva, Cristiane de Oliveira

Autores e obras da literatura infantojuvenil em Mato Grosso do Sul / Cristiane de Oliveira Silva. – Campo Grande, MS: UEMS, 2025.

103 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Susylene Dias de Araujo

1. Literatura infantojuvenil – Mato Grosso do Sul. 2. Autores sul-mato-grossenses. 3. História da literatura infantojuvenil. 4. Cultura e identidade regional. I. Araujo, Susylene Dias de II. Título

CDD 23. ed. - 809.89281

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Joyce Mirella dos Anjos Viana, CRB nº 3530 - 1ª Região.

CRISTIANE DE OLIVEIRA SILVA

**AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL EM MATO GROSSO
DO SUL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos literários

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Susylene Dias De Araujo (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior.
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS
(Suplente)

Campo Grande/MS, 30 de setembro de 2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus, que me sustentou até aqui.

Agradeço de maneira especial minha família, esposo e filhos que me apoiaram cotidianamente nesse sonho.

Agradeço à minha orientadora Dra. Susylene Dias de Araujo por aceitar conduzir meu trabalho de pesquisa.

Agradeço a todos os meus professores do curso de pós-graduação PPG-Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, suas palavras de conhecimento e suas paixões compartilhadas moldaram minhas perspectivas e me impulsionaram a ir além dos limites do que pensava ser possível. À banca, formada pelos professores, Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior e a Dra. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, que teceram grandes contribuições para o enriquecimento da pesquisa, permitam-me expressar minha mais sincera gratidão por suas atenções e considerações ao longo desta dissertação.

“Quando ia em progresso para a árvore
queria florear. Gostava mais de fazer
floreios com as palavras do que de fazer
ideias com elas

Aprendera no Circo, há idos que a palavra
tem que chegar ao grau de brinquedo para
ser séria de rir

Contou para a turma da roda que certa rã
saltará sobre uma frase dele e que a frase
nem arriou.

Decerto não arriou porque não tinha
nenhuma palavra podre nela.”

Manoel de Barros

SILVA, Cristiane de Oliveira. *Autores e obras da literatura infantojuvenil em Mato Grosso do Sul*. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

RESUMO

A literatura infantil e juvenil de Mato Grosso do Sul, invisível por muitos anos, tem buscado fôlego e apresenta-se em plena ascensão. Neste cenário temos encontrado obras das mais diversas histórias direcionadas ao público infantojuvenil. Esta literatura manifesta-se em obras que promovem cruzamento de muitas linguagens, multiplicidades e dimensões artísticas. Textos de caráter pluralista, folclórico e cultural, poemas, contos e biografias que abarcam o universo literário para infância. Assim autores capturam e registram as complexidades do fazer literário sul-mato-grossense, explorando as muitas possibilidades sobre o viés literário infantil e juvenil e sua arte de encantar. Ainda que considerada a margem dos grandes centros literários e permeada de rótulos e banalização acerca de sua importância, compreende-se como uma literatura rica, haja visto, o poder de formação e fruição nela inserida. Com isto, este trabalho busca apresentar um breve contexto histórico a respeito da literatura infantojuvenil, para assim, abordar algumas particularidades e aspectos quanto ao gênero, vislumbrando alguns autores e obras que contribuem para a construção de um cenário desta literatura nos últimos anos em Mato Grosso do Sul. Deste conjunto destacamos, Ana Lucia Almeida Dichoff, Ariadne Cantú, Eva Vilma, Mara Calvis, Luiz Claudio Ferreira, Sandra Andrade, Tânia Souza como alguns autores apresentados por nossa apreciação crítica tomando como base teórico crítica da pesquisa, a contribuição de CAMARGO (1995), PONTES (1981), NOGUEIRA, SÁ ROSA (2013), NOGUEIRA, MENEGAZZO, SÁ ROSA (2011), SOUZA (2010).entre outros.

Palavras-chave: Historiografia da literatura de MS, Literatura infantojuvenil, Literatura Sul-mato-grossense.

SILVA, Cristiane de Oliveira. *Autores e obras da literatura infantojuvenil em Mato Grosso do Sul*. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

ABSTRACT

Children's and youth literature in Mato Grosso do Sul, which was invisible for many years, has been seeking new momentum and is currently in full ascent. In this context, we have encountered works of diverse stories aimed at the young audience. This literature manifests itself through works that promote the intersection of many languages, multiplicities, and artistic dimensions. It includes pluralistic, folkloric, and cultural texts, poems, short stories, and biographies that encompass the literary universe for children. Authors capture and record the complexities of literary creation in Mato Grosso do Sul, exploring various possibilities in the realm of children's and youth literature and its enchanting art. Although it is considered marginal to major literary centers and is often labeled and trivialized in terms of its importance, it is understood as a rich literature, given its potential for formation and enjoyment. This work aims to present a brief historical context regarding children's and youth literature, to discuss some particularities and aspects of the genre, and to highlight some authors and works that contribute to the development of this literary scene in Mato Grosso do Sul in recent years. Among this group, we highlight Ana Lucia Almeida Dichoff, Ariadne Cantú, Eva Vilma, Mara Calvis, Luiz Claudio Ferreira, Sandra Andrade, and Tânia Souza as some of the authors presented through our critical appreciation, based on the theoretical and contributions of CAMARGO (1995), PONTES (1981), NOGUEIRA, SÁ ROSA (2013), NOGUEIRA, MENEGAZZO, SÁ ROSA (2011), and SOUZA (2010), among others.

Keywords: Historiography of Literature in Mato Grosso do Sul, Children's and Youth Literature, Mato Grosso do Sul Literature

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1. LITERATURA INFANTOJUVENIL: QUE GENERO É ESSE?	5
2. OS PROCESSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	6
2.1 Processo histórico da literatura infantojuvenil em terras brasileiras	8
3. A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS, DEBATES E POTENCIALIDADES.....	10
3.1 Desafios e debates	10
3.2 Potencialidade.....	13
3.3 Em cena a literatura infantojuvenil brasileira	15
4. A LITERATURA EM MATO GROSSO DO SUL E SEUS ASPECTOS	22
4.1 Caminhos percorridos pela literatura de MS	22
4.2 A literatura infantojuvenil em Mato Grosso do Sul	28
4.2.1 Literatura infantojuvenil Sul-mato-grossense autores e obras	34
5. APRESENTAÇÃO DAS OBRAS	43
5.1 Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai (2002)	44
5.2 Tiquinho do pantanal (2008)	46
5.3 Cada um é de um jeito, cada jeito é de um! (2012)	48
5.4 A filosofia da bola (2013).....	50
5.5 As aventuras de Catií Um quati aventureiro (2012)	52
5.6 Chico o menino pantaneiro (2012).....	54
5.7 Guto 1 E os bichinhos (2012).....	55
5.8 0 Planeta dos Carecas (2012).....	57
5.9 A eterna magia das fábulas (2013)	59
5.10 Caco (2014).....	60
5.11 Histórias de Dona Menina (2014)	62
5.12 A menina que virava onça (2014)	64
5.13 KIKIO (2015)	66
5.14 Lilica a galinha árvore (2017)	68
5.15 Tuco, o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul (2017).....	71
5.16 Bichinhos da horta (2018)	73
5.17 Ela é... (2020)5.18 Quira, a coruja da sorte (2021)	74
5.18 Quira, a coruja da sorte (2021)	76
5.19 Uma história de Princesa (2021).....	79
5.20 A família Colorê (2022)	81
5.21 Rodrigo Baguá o menino pantaneiro e a pescaria (2023)	83
5.22 Minha avó de 100 anos (2022)	84
5.23 Bela Adormecida em Cordel (2023).....	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
7. REFERÊNCIAS	91

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pergunta central desta pesquisa surge a partir de nosso interesse pela literatura direcionada a crianças e jovens, pois, a este tipo de produção, por um longo tempo temos nos dedicado em nosso percurso profissional como professora da educação básica. Como recorte necessário à iniciativa de pesquisa, nosso interesse se volta especificamente ao trabalho desenvolvido em Mato Grosso do Sul, uma vez que, de uma maneira geral, quando pensamos em nossa produção, não é a produção para um público mais jovem que nos ocorre de primeiramao, embora, novos autores locais venham se dedicando ao gênero, conforme demonstraremos.

No que diz respeito aos primeiros registros voltados ao público infantil ou juvenil, os poucos textos literários que encontramos foram desenvolvidos a partir de temáticas pedagógicas, sintetizando a educação ambiental em defesa do pantanal. Apesar destes poucos momentos da literatura infantil e juvenil, Mato Grosso do Sul, em sua memória literária, apresenta inúmeras histórias transmitidas oralmente pelos nossos antepassados, histórias contadas de geração em geração que poderiam ser aproveitadas como recuperação de nossas memórias, por exemplo. Mesmo que iniciada a partir de temas folclóricos e ambientalistas, nos últimos anos, outras questões passaram a emergir, ora vislumbrando a cultura local, ora privilegiando temas universais que fazem parte do cotidiano das pessoas. Segundo Pontes (1981) a literatura de Mato Grosso do Sul parte de um processo, moldado historicamente de acordo com as expressões sociais locais e nessa mesma direção, a literatura infantil e juvenil busca se inserir.

Desde o nascimento do Estado, após a divisão de Mato Grosso em 1977 a literatura para jovens e crianças se deu de maneira tímida, com poucas obras publicadas e desconhecidas, em sua maioria, do público em geral. Porém, a partir do ano 2000 esse tipo de produção passa a ser concebida com maior fôlego como um tipo de literatura jovem, em busca de amadurecimento e reconhecimento.

A pesquisa tem finalidade primordialmente historiográfica. De cunho crítico analítico, se desenvolve por meio de fontes bibliográficas e no que diz respeito às obras literárias reunidas, podemos falar em uma tentativa de organização de acervo. Nossa abordagem teórica, embasada por estudiosos que se dedicaram à nossa literatura, serve como escopo da compreensão do fazer literário no espaço local. Desse conjunto destacamos: PONTES (1981), NOGUEIRA, SÁ ROSA (2013), NOGUEIRA, MENEGAZZO, SÁ

ROSA (2011), entre outros. Diante disso, a pesquisa não busca uma rigidez regionalista em seus textos, mas sim, apresentar autores e obras que tenham em comum a literatura como um bem simbólico voltado ao público infantil e juvenil. Neste sentido, a intenção da pesquisa se volta a buscar vozes literárias que compartilham, espaço e intenções em suas práticas literárias.

Diante disso, o problema levantado nesta pesquisa se concentra em identificar obras de literatura infantil e juvenil produzidas em Mato Grosso do Sul, e, a partir de critérios estéticos e éticos, reuni-las como objeto de nossa interpretação crítica. Na superação das hipóteses, em nossas considerações finais, teremos a constatação de que a literatura infantil e juvenil em nosso estado carece de visibilidade, devido à falta de estratégias de divulgação e pesquisas em torno do gênero, o que serve como validação da necessidade de consideração do tema.

Como objetivo geral da pesquisa, a intenção se volta à produção de um texto crítico que possa ser lido como referência, constituindo-se como uma espécie de guia de obras para crianças e jovens, a ser acessado por outros pesquisadores, professores e interessados na boa literatura local. Contrariando a máxima da invisibilidade de tais obras sobre contexto histórico e literário de Mato Grosso do Sul, no que diz respeito aos objetivos específicos, buscamos compreender o processo e contexto histórico do fazer literário Sul-mato-grossense, identificar autores e obras cuja produção esteja datada dos anos 2000 em diante e assim, interpretá-las a partir de três características fundamentais: o texto, a imagem e projeto gráfico materializado na edição.

Desta forma, realizamos o presente trabalho em três momentos distintos: o primeiro, com pesquisa bibliográfica em torno da literatura infantil e juvenil, em seus aspectos conceituais, históricos e sua contemporaneidade literária no Brasil. Na segunda etapa, a partir de estudos historiográficos da literatura de Mato Grosso do Sul, seus aspectos e os principais autores, no sentido de aproximar nosso objeto de estudo ao contexto histórico literário do Mato Grosso do Sul. Por fim, como terceira fase, precedemos com o trabalho de apresentações das 23 obras selecionadas: *Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai* (2002), *Tiquinho do pantanal*, *Cada um é de um jeito, cada jeito é de um!* (2012), *As aventuras de Catií Um quati aventureiro* (2012), *Chico o menino pantaneiro* (2012), *Guto 1 E os bichinhos* (2012), *O Planeta dos Carecas* (2012), *A eterna magia das fábulas* (2013), *A filosofia da bola* (2013), *Histórias de Dona Menina* (2014), *A menina que virava onça* (2014), *Caco* (2014), *KIKIO* (2015), *Lilica a galinha árvore* (2017), *Tuco, o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul* (2017), *Bichinhos da horta* (2018),

Ela é... (2020), Quira, a coruja da sorte (2021) Uma história de Princesa (2021), A família Colorê (2022) e Minha avó de 100 anos (2021), Rodrigo Baguá o menino pantaneiro e a pescaria (2023), A Bela adormecida em cordel(2023)

Nas considerações finais, além de exaltar a qualidade das obras escolhidas a partir dos critérios críticos e teóricos já mencionados, teremos concluído que o pesquisador que se dedica a este tipo de seleção se depara com a dificuldade de encontrar trabalhos já realizados relacionados ao tema. Um limitador muito forte na pesquisa é o contato com as obras, que não estão disponíveis nas grandes livrarias; algumas encontram-se nos cantos de alguns sebos e feiras culturais a procura de leitores que se abram à leitura destes livros. Uma alternativa de acesso seria encontrar os textos de nossa literatura infantil e juvenil disponíveis em bibliotecas e salas de leituras, espaços públicos que deveriam ser encarados como prioridades dos anseios das comunidades de nossa cidade, apelo que encerra nossa contribuição com a pesquisa.

PARTE I

1. LITERATURA INFANTOJUVENIL: QUE GÊNERO É ESSE?

A respeito do gênero, questiona-se: o que pode, de fato, ser caracterizado como literatura infantojuvenil? Muitos estudiosos discorrem sobre o tema e apontam possíveis conceitos. Apesar de parecer simples a pergunta, sua resposta é totalmente complexa, a começar pelo entendimento de público direcionado, a quem se destina. Afinal, infantil é um adjetivo cuja própria conceituação tem mudado ao longo dos séculos.

Assim, a definição dessa literatura tem mobilizado inúmeros críticos literários deste segmento como o britânico Peter Hunt, um dos principais estudiosos de literatura infantil nos últimos tempos ao considerar que:

Tal como a maioria das perguntas sugere suas respostas, assim também as definições são controladas por seu propósito. Dessa maneira, não pode haver uma definição única de “literatura infantil”. O que se considera “bom” livro pode sê-lo no sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; “bom” em termos de eficácia para educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o de uma determinada criança ou grupo de criança em circunstâncias específicas; ou “bom” em algum sentido moral, religioso ou político; ou ainda em um sentido terapêutico. “Bom”, como uma aplicação abstrata, e “bom para”, como uma aplicação prática, estão em constante conflito nas resenhas sobre a literatura infantil. (HUNT, 2010, p.75)

Diante disso, percebemos que a literatura infantil leva em consideração diferentes textos, o qual podem ser lidos pelas crianças a depender de ser um texto “bom para”. Se pensarmos em seus aspectos sob a perspectiva do autor não temos uma definição única e totalmente concreta, apenas propósitos plurais e por vezes persuasivos. As experiências literárias das crianças, sobre a leitura nos é incógnita. Ao supor uma definição do que seria a literatura infantil esbarramos no fato de que a criança não responde aos padrões de leitura com um adulto, apesar de se ter a literatura adulta como modelo e os seus gostos como padrão. Ressalta o autor que, a literatura infantil necessita de dois elementos para se definir, a criança e a própria literatura, todavia, este conceito de boa literatura é variável, assim como, o conceito de infância.

A respeito de sua natureza Nelly Novas Coelho aponta a literatura infantojuvenil substancialmente como arte “[...] fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. (COELHO, 2000, p. 27). Assim definir ou conceituar seria de uma grande problemática, diante da complexidade que a palavra carrega a respeito das experiências humanas. É possível pensar que ao se escrever para criança, a concepção

de infância torna o gênero ainda mais complexo, pois esta, varia em cada tempo e lugar.

Para Regina Zilberman, os livros bons são os que nos agradam, sem que tenhamos que nos importar com nossa idade, gênero ou nacionalidade; livros bons são os que deixam marcas e desejo de revisitá-los. “Com a literatura para criança não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos ao quais as pessoas não cansam de regressar. (ZILBERMAN, 2014, p. 9).

Uma visão predominante nas pesquisas é a de que, não existe uma receita pronta, bem elaborada ou ainda seja predominante para que haja uma definição do que é literatura infantil e juvenil, apenas expoente e consciência de uma determinada representação literária que tem servido a humanidade, endereçada ao público infantojuvenil, o qual não se tem um fim objetivo, mas humaniza em seus processos de fruição. Desse modo, há uma complexidade em defini-la, pois apenas seus aspectos artificiais não chegam a um conceito e assim, o valor do livro dependa conjuntura de seu uso.

Fora de seu adjetivo infantojuvenil a literatura é tão somente arte, assim Roland Barthes¹ a têm como teatro, um universo vasto e repleto de vozes de “senhores” distintos. Dessa maneira, o autor assim afirma.

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, a saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz o que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 2013, p.19)

2.OS PROCESSOS HISTÓRICOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantil e juvenil eclode no ocidente europeu, a partir de uma nova perspectiva social, ela nasce para atender as exigências históricas postas, à vista do novo modelo familiar, “[...] não apenas o gênero tem origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias da época.” (ZILBERMAN, 2003, p. 34). Dentro desse novo núcleo familiar a criança adquire um novo posto social, a

¹ Roland Barthes foi um crítico literário, ensaísta e semiólogo francês, nascido em 12 de novembro de 1915, em Cherbourg, França. Conhecido por suas contribuições à semiologia e ao estruturalismo, algumas de suas obras mais influentes incluem "Mitologias" (1957) e "A Morte do Autor" (1967). Barthes foi professor no Collège de France e sua obra teve um impacto significativo nos estudos culturais e literários. Faleceu em Paris, em 26 de março de 1980.

criança é vista sob outra perspectiva, agora a escola e a pedagogia necessitam atendê-los. Nesse contexto, a literatura infantil emerge, sua gênese é concebida diante do conceito de infância, em um novo cenário, a criança então passou a possuir status especiais, não sendo mais adultos em miniaturas, “[...] o século XVIII assiste à passagem completa da infância ao centro das considerações.” (ZILBERMAN, 2003, p. 38).

Temos alguns exemplos notáveis de obras e autores como La Fontaine, Fenelon, e Charles Perrault. A literatura infantil propriamente dita ganhou esse adjetivo na Europa no século XVIII devido a fatores como ascensão da classe burguesa e a reorganização da escola como aparelho ideológico do estado, como já citado aqui. A literatura infantil, atrelada à escola, passou a ser usada para formar mentalidades e ensinar comportamentos. Os elementos literários para as crianças e jovens, tem uma consideração de ordem histórica como confirma Regina Zilberman (2003)

Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o status de criança na sociedade e no âmbito doméstico e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visaram preservar a unidade do lar e, especialmente, o lugar do jovem no meio social. (ZILBERMAN, 2003, p.34)

Na Europa, a literatura infantojuvenil atravessou várias fases ao longo da história, refletindo mudanças sociais, culturais e educacionais significativas. As principais fases históricas iniciaram-se na Idade Média: Durante este período, a literatura infantil era predominantemente transmitida oralmente, com contos populares e fábulas morais sendo passados de geração em geração. Exemplos incluem contos como "Cinderela" e "Chapeuzinho Vermelho". Influências e Movimentos Literários: Ao longo do século XX e até os dias atuais, a literatura infantil europeia tem sido influenciada por diversos movimentos literários e culturais. Por exemplo, o surrealismo teve impacto significativo em obras como "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry, da França, enquanto o expressionismo alemão contribuiu para o estilo visual das obras de Kurt Schwitters e outros. Adaptações e Reinterpretações: Ao longo dos anos, muitos clássicos da literatura infantil europeia foram adaptados e reinterpretados para diferentes públicos e mídias. Por exemplo, obras de autores como Lewis Carroll ("Alice no País das Maravilhas") e JM Barrie ("Peter Pan") inspiraram não apenas novas edições impressas, mas também adaptações teatrais, filmes e animações que continuam a cativar as crianças e suas famílias.

O conceito mercadológico desempenhou um papel importante, moldando como essas obras eram vistas. A princípio seu maior valor tinha caráter pedagógico, especialmente na educação e formação das crianças, hoje um pouco mais além das questões pedagógica, a

literatura infantojuvenil entretém, auxilia no desenvolvimento do imaginário e na resolução de conflitos internos

Na contemporaneidade, a literatura infantil se expandiu para incluir uma variedade ainda maior de gêneros, estilos e formatos. Livros interativos, aplicativos digitais, e-books e histórias multimídia encontraram-se populares, adaptando-se ao mundo digital e às novas formas de interação das crianças com o conteúdo literário.

2.1. PROCESSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL EM TERRAS BRASILEIRAS

A Europa constituiu-se no século XVIII, como o berço literário sólido do gênero. Diante do novo olhar para a infância, dá início ao que buscamos apresentar hoje, como literatura infantojuvenil. No Brasil inicia somente as portas do século XX, decorrente da aceleração urbana na república velha, por aqui, em meio às mudanças de regime político, com a república, a classe média expande, surgindo a necessidade de uma literatura que atendesse as crianças.

Além de o modelo econômico deste Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância – para a literatura infantil – que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 28).

Agitados com uma nova perspectiva republicana, o país busca rapidamente instaurar uma literatura que atendesse os critérios desse entusiasmo nacional, viabilizando meios diante da euforia editorial “Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que observava no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos”. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 31) Como na Europa a literatura no Brasil também se fortalece nas necessidades sociais.

Esta, por assim dizer, prontidão e maturidade da sociedade brasileira para absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente dirigidos para uma ou outra faixa de consumidores expressa-se exemplarmente no surgimento, em 1905, da revista infantil O Tico-Tico. O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas — tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1988, p.23)

Em seus diferentes períodos como contos pátrios, poesias, folclore e temáticas

festivasa biblioteca literária infantil se encorpou, encontrando variadas vertentes, sempre visando à escola e o sonho de um país do futuro. Pouco antes do Monteiro Lobato as obras infantis eram em sua maioria, traduções e adaptações, “[...] como se viu, Figueiredo Pimentel e, antes dele, Carlos Jansen, dedicado à tradução e adaptação de textos para a infância. A passagem se deu de livro para livro, sem a mediação da oralidade [...].”(LAJOLO E ZILBERMAM, 2007, p. 66) Não só herdamos o viés da tradução inicialmente, como a ideologia literária a serviço da escola.

Nos arredores da publicação de *Através do Brasil*, outras obras deram consistência a esta ideia de fazer da leitura, especialmente da leitura escolar, instrumento de difusão de civismo e patriotismo: são de 1886 os *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, de 1889 o livro *Pátria*, de João Vieira de Almeida, de 1901 *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso, de 1904 os *Contos pátrios*, de Olavo Bilac, agora em parceria com Coelho Neto, de 1907 as *Histórias da nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1988, p.32)

Inspirados pelos modelos europeus, a literatura infantil brasileira busca essa afirmação de identidade nacional. Nesse viés, o mercado livreiro embalado pela condição política e econômica atual, além da continuidade das adaptações, às obras nacionais crescem em volume, buscando atender principalmente às necessidades escolares dessa virada de século, sintetizando o sentimento de aculturação dos pequenos leitores. Diante desse cenário, o desejo por uma identidade quiçá própria, apela-se ao poder da literatura no acultramento.

Da fabulosa mente do Monteiro Lobato nasceu aquilo que se tornaria um patrimônio literário nacional. Emília, Dona Benta, Narizinho, Visconde de Sabugosa e toda a turma do sítio do Pica-pau Amarelo frutificaram a imaginação do escritor que perpetuam por praticamente todas as suas obras. Conforme confirma Zilberman (2014) seu sistema adotado foi muito útil, o escritor repete os personagens e bola tão somente as novas aventuras para cada uma delas, aventuras originais com espírito aventureiro, os heróis tradicionais que fazem parte dos mitos, contos e lendas folclóricas. “Mas, de um modo ou de outro, o núcleo dos seres, humanos e não humanos, exibido nas páginas iniciais do primeiro livro de Monteiro Lobato, forma o elenco inalterável das obras que aquele escritor destinou ao público infantil”. (ZILBERMAN, 2014, p.23).

A identificação do leitor do Lobato era imediata, pois seus personagens crianças ou suas representações como Emília, estavam diante dos seus leitores, vivenciando o cotidiano peculiar nacional em seus comportamentos corriqueiros de criança. O sítio do Pica-pau está

presente em todas suas histórias, é um cenário recorrente que proporciona compreensão e estabilidade para as voltas ao mundo e no tempo, típico das suas invenções. O tal sítio é morada da ilustre Dona Benta, sua peculiar cozinheira Tia Nastácia e da neta, só não está localizado geograficamente, sabemos apenas que está no Brasil, ou que é o Brasil. “O sítio é um mundo independente e autossuficiente, e esse é outro grande achado do primeiro grande autor para a infância brasileira” (ZILBERMAN, 2014, p. 27)

3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS, DEBATES E POTENCIALIDADES

A literatura infantojuvenil passa por transformações, a maioria delas relacionadas aos avanços tecnológicos para produção e distribuição de textos, geradas pelas novas configurações sociais e culturais, que surgiram no cenário contemporâneo. Assim as obras, trazem inovações em vários aspectos, desde a forma, os formatos até os temas considerados de difícil abordagem, ou seja, mais sensíveis.

Numa sociedade em transição, assinalam as personagens a dúvida, a indecisão, a oscilação de valores. Observa-se o desmonte das antigas histórias infantis. O chapeuzinho não será vermelho, mas amarelo; a protagonista desafiará o lobo; os medos serão desmontados; os fantasmas não assustaram mais a menina, ao contrário, serão camaradas; o menino ideal não será mais o bem-comportado, mas o maluquinho. (SOUZA, 2010, p. 56)

Na contemporaneidade as obras para infância caminham longe daquilo que é considerado ideal para os primeiros tempos do Brasil, rompe paradigmas extremamente pedagógico em torno das crianças e jovens e os apresenta como uma literatura mais próxima a seus medos, anseios, dúvidas entre tantos outros questionamentos que fazem parte do seu cotidiano. Podemos considerar que a literatura “é como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivência, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura de mundo.” (CADEMARTORI, 2010, p.8). A ebulição de produção literária em torno do gênero, vem buscando entregar suas narrativas mais fiel possível às necessidades humanas “[...] vale lembrar a lição de que o homem é mais humano quanto mais traz dentro de si a história da humanidade”. (SOUZA, 2010, p. 19).

3.1 DESAFIOS E DEBATES

Refletir a respeito das novas tendências da literatura infantojuvenil contemporânea nos exige estudar nas relações de produção e recepção. Focar especialmente, à diversidade de temas, que apontam para um refinamento do discurso, na presença da intertextualidade e da

metalinguagem nos textos. Entender que a literatura traz uma narrativa fragmentada, e solicita uma maior participação do leitor, tal, nos faz considerar as novas tendências da literatura infantojuvenil contemporânea. Precisamos focar nas relações de produção, ou seja, o texto, as temáticas e os reflexos da estética da obra, o cenário em que ela é gerada, os caminhos, por onde o livro passa até chegar às mãos do leitor, o acolhimento e o consumo, e principalmente, saber quem é esse leitor.

A sociedade contemporânea, carregada de peculiaridades em seu contexto, gira em torno daquilo que a identifica como o que é pós-moderno, a qual representa uma transformação profunda na maneira como vemos o mundo e nos relacionamos com ele. A literatura infantil e juvenil brasileira ganhou espaço, e deu um salto para o futuro, ainda que, ao mesmo tempo toma uma fuga para o passado, é dinâmica, e “[...] capaz de propor a novidade, sem abolir a tradição, mas não deixando, simultaneamente, de violá-la a cada passo.” (ZILBERMAN, 2014, p.171). Neste século, tais visitas ao tradicional fazem muito sucesso, como a obra, *Até as princesas soltam pum*, de Ilam Brenman (2008). O autor da obra, faz uma belíssima sátira com algumas princesas a respeito de sua natureza fisiológica, o que aproxima seus leitores da obra. Uma característica marcante a todas as descrições da sociedade pós-moderna é enxergar sociedade como um caldeirão incontrolável de multiplicidades e particularismos, para alguns um fenômeno, que sinalizava o avanço da tecnologia, e ao mesmo tempo, sintoma de rebeldia da sociedade a qualquer tipo de totalização. Assim, uma das principais características do gênero, literatura para infância contemporânea, tem sido essa mistura de tendências totalmente ecléticas, unindo as artes desde a erudita até a arte popular.

Nasce um novo conceito essencialista com valores, comportamentos e atitudes típicas enraizadas na sociedade, que não será mais aceito. O individualismo padrão dá lugar a identidades embasadas por gênero, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação e função social. “Para além do prazer/emoção estético, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica do seu leitor/receptor.” (COELHO. 2000. p. 29). O leitor mirim tem encontrado nas obras uma rica diversidade temática, o que contribui para alargar seus horizontes literários e múltiplas leituras.

A literatura infantil brasileira ganha força entre modernidade e a pós-modernidade, fruto desse sistema social complexo vivido entre o pré-capitalismo e a ebulição tecnológica, que viria dar acesso a todo tipo de informação e fácil acesso aos bens de consumo. O livro ganha status de bem cultural para nova sociedade de consumo, porém o acesso não é para

todos, apesar da ampla produção de títulos que dominam uma boa fatia do mercado editorial.

As produções apresentam agora, uma diversidade temática, com tendências em torno da discussão de questões existenciais, uma grande preocupação com a linguagem, valorizam tanto ao significante quanto do significado, além da intenção de misturar ou recuperar estilos anteriores, outra maneira de ressignificar antigos textos e estilos através da paródia com humor e a ironia presentes, a partir de outras linhagens, como dos contos de fada, já mencionada aqui. Nesse cenário heterogêneo, um momento de intensa liberdade de criação, com inovações nas formas e formatos, às questões abordadas, contextos socioculturais, que passam a determinar temas muitas vezes considerados polêmicos para livros infantojuvenis, uma nova literatura infantojuvenil à sombra das tecnologias digitais, apontam desafios impostos pela sociedade. Desta forma, a liberdade da arte literária e as suas materialidades se configuram, em um grande debate, contemporaneamente, entre os mediadores da leitura literária.

Em relação às materialidades dos livros infantojuvenis mais atuais, por sua vez, se apresentam com inovações em suas bases, em formas e formatos, que não alteraram apenas o modo como lemos as obras literárias, mas inclusive os próprios conceitos de narrativas, com os quais tínhamos contato, todas essas inovações nos desafiam a criar formas de leitura e mediação, pois a migração de sua materialidade é um fato desafiador contemporâneo, apontado pelas pesquisadoras Edgar Roberto Kirchof e Renata Junqueira de Souza.

Outra tendência quanto ao formato dos livros infantojuvenis contemporâneos é a migração de vários títulos para o ambiente digital, o que acarreta o surgimento de formatos digitais e híbridos inéditos, os quais se destinam exclusivamente à leitura em aparelhos de computação móveis (celulares, tablets, e-readers) ou estáticos (desktops), mas também à leitura em diferentes suportes simultaneamente. (KIRCHOF, SOUZA, 2019, p. 34).

Outro grande desafio do gênero de fato, são os temas. Mas como definir que um tema é difícil, polêmico ou mesmo apropriado para ser abordado em livros, o fato está baseado na concepção relacionada por um determinado contexto sociocultural, de como se define a infância e a juventude. Desta forma, um fato relevante, é que nestes livros encontramos o mundo pelo olhar dos autores adultos, de acordo com visões determinadas, segundo os limites da linguagem artística e literária, o que se ajusta ou o que deveria ser uma criança e um jovem.

De acordo, com a idade que constitui o processo de produção e recepção/consumo dos livros infantojuvenis, é o que também delibera as obras que serão permeadas pelo modo como os autores adultos escrevem, reproduzem ou rompem as concepções de arte, literatura, infância e juventude que dominam os contextos socioculturais naquele determinado

momento.

Em relação à literatura infantojuvenil, essa discussão é tão complexa, porque a sua aceitação, seus códigos e representações artísticas e culturais devem ser direcionados sobre infância e juventude e, geralmente um duplo endereçamento: seu público (crianças e jovens), e, também, a adultos mediadores. Assim, para que um texto pertença a literatura infantojuvenil, deve trazer mais do que os códigos sobre arte e literatura e infância e juventude, precisam ser mobilizados pelo autor, para que sejam compartilhados, de algum modo, por seus futuros leitores. É um papel difícil e complexo para o autor, diante de grande importância e desafio conforme aponta a Coelho.

Daí já se conclui a importância basilar da literatura destinada às crianças: é o *meio ideal* não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a vida adulta. (COELHO, 2000, p. 43)

Assim, ao encaixar a obra no campo da literatura infantojuvenil, acrescentamos códigos culturais relacionados à infância e à juventude dentro de cada uma das possibilidades, diante de tantas complexidades permeáveis nesta literatura, percebemos os desafios e debates enfrentados pelo gênero em tempos contemporâneo.

3.2 POTENCIALIDADE

Em termos de potencialidade configura-se “Fenômeno visceralmente *humano*, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana.” (COELHO, 2000, p. 28). O que torna a literatura para infância potente e consideravelmente desafiadora, visto que, ainda que tentemos, nunca conseguiremos arrancar a resposta exata de sua fruição literária. Desta maneira, consideramos que culturas e as sociedades, de onde bebem os autores, não devem ser reconhecidas como blocos homogêneos e estáveis, diante de tal potencialidade; ou seja, não podemos insistir na construção de uma única compreensão sobre as obras de infância e juventude em qualquer período histórico e tampouco em qualquer território geográfico como confere Peter Hunt:

A definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. Quando se tenta, por exemplo, descrever “infância” em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos. O que é infância na Grã-Bretanha no início do século XXI? No geral, há a segregação adulto-criança, ou seja, as crianças são encaradas como uma espécie diferente de pessoa; elas são protegidas das preocupações adultas e transitam em lugares diferentes. Por outro lado, tem havido um relaxamento dos limites da formalidade. Mesmo assim, a ubiquidade da participação da mídia pode significar que elas são menos protegidas de assuntos tabus – ou a tevê dá apenas a imagem e não a sensação? (HUNT, 2010, p. 94)

O autor destaca, o fato de que, nas histórias dos livros infantis, também não existem um modelo padrão ou homogêneo de infância nessas obras:

Os livros infantis para as crianças da classe média trabalhadora em muitas sociedades do passado parecem ser bem mais autoritários e severos que os livros infantis para as classes médias protegidas. De fato, mal chegam a parecer livros infantis. E, uma vez que o tipo de vida que os jovens experimentavam não era da infância como a conhecemos, [...]. (HUNT, 2010, p. 94)

As questões da homogeneidade são superadas quando compreendemos que a obra infantil por vezes é construída de fragmentos do personagem narrador. É a voz do personagem, que estimula o leitor a tomar o fio da narrativa e alinhar os fragmentos, como numa colcha de retalhos. Todos os personagens se apresentam para a função de se transformar em uma memória involuntária forte, porém é uma tarefa extremamente dramática e sutil na expressão dos sentimentos. Assim, essa fragmentação da narrativa solicita participação envolvente do leitor, para preencher os "espaços vazios", os silêncios acomodados no texto com sua história de vida, suas próprias experiências, espelhadas na sua bagagem ou repertório de leituras. Muitas obras pretendem oferecer situações para o leitor resolver, ao invés de oferecer a soluções com respostas determinadas. O que deixa, o processo de produção da narrativa, mais importante do que uma simples sequência de fatos ou ações vividas pelos personagens.

Uma das potencialidades do gênero, são as constantes, discussões sobre a questão das culturas juvenis na contemporaneidade, o qual a autora discorre.

Quanto ao *comportamento ético*, começa a prevalecer a *complexidade* das forças interiores (positiva e negativa) sobre a dualidade maniqueísta que sempre caracterizou o comportamento das personagens tradicionais. A intenção maior é dotar as personagens de ficção da ambiguidade natural dos homens e, através dela, revelar as forças polares ou contraditórias, inerentes à condição humana. (COELHO, 2000, p. 154).

As temáticas dominantes nas narrativas juvenis brasileiras contemporâneas permitem compreender ajustes a novos modelos na representação literária do mundo, os quais apontam a renovação dos padrões literários existentes. Os gêneros literários predominantes e as inovações temáticas projetadas têm uma estreita relação, de modo que as mudanças efetuadas nesses aspectos forçam alterações nos tipos de desfecho produzidos, como na ação do narrador, na caracterização das personagens e nos cenários narrativos.

Desta forma observamos, uma fase de amadurecimento na literatura infantojuvenil, demonstrado no surgimento de um número relevante de autores novos e da diversidade de temáticas trabalhadas.

3.3 EM CENA, A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Em pleno século XXI a literatura para crianças e adolescente se mostra, especialmente ativa, em busca de modernização em suas narrativas, processo desenhado pela ênfase de sua função literária. Um impulso que ampliou os limites em relação às características anteriores, o que consideramos adequado para obras dirigidas a jovens e crianças. A criação de um novo modelo com inovações em suas características configuradas, em seu itinerário de formação literária para a infância, aproximou as narrativas infantojuvenis de sua consolidação na literatura escrita. Fica muito claro, que estamos vivendo uma ebulição no mundo das crianças e adolescentes dentro do mercado editorial e suas produções literárias, com uma enorme demanda de produtos e serviços direcionados para este público.

Ultrapassado as questões dos séculos passados, tanto a criança, o jovem quanto a literatura, vivenciam novos tempos, submetidos aos olhares específicos, porém amplos. No Brasil, em especial nas escolas, as produções literárias infantis, garantem muita circulação destas obras, fomentada pela divulgação de projetos literários, por vezes, apenas com viés educacional. No entanto, percebemos as narrativas infantil e juvenil com reconhecimento de público e de crítica, o que garante, novas narrativas, muitos novos autores e uma produção constante e reconhecida pela crítica especialista, que se dedica ao estudo dos textos literários voltados para a literatura infantojuvenil. A sua importância também se volta na formação de leitores e de seu estatuto literário.

A leitura, mostra a função de contribuir para a transformação pessoal e social. Na sociedade brasileira, ela se constitui como uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania. Por isso o acesso à escolaridade e à leitura está na pauta de todos os planos governamentais:

Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população. (FERNANDES, 2007 p. 10).

Junto a estas transformações, o foco, o gosto e a oferta literária para jovens também mudam com o texto literário nas escolas, associado ao mito, quase que um lamento, de que o jovem brasileiro não lê. De que o povo inteiro está predestinado à ignorância pelo fato de não ler. Mas eles leem. Não lê a literatura clássica, de estilo, mas leem Harry Potter e os vampiros, Percy Jackson e muitos outros textos.

Apesar da literatura brasileira clássica ser belíssima, configura-se também, muito

difícil, apesar dos grandes escritores, os cânones brasileiros, usam a linguagem rebuscada e os jovens entre 13 ou 14 anos não se sentem estimulados as obras, pois precisam consultar o dicionário para entender os sentidos e ideias. Enquanto, obras como Harry Potter, um clássico que traz uma leitura calorosa, o imaginário de uma escola mágica, onde acontece de tudo, e ali eles se reconhecem, nitidamente, além de mostrar, os valores de amizade e respeito através da “realidade” de seus personagens. As proximidades com a ficção das narrativas literárias encontram o desejo do leitor mirim pela obra, a ele destinada. Assim, neste século a literatura para este público tem buscado aproximar cada vez mais do eu, interior, do seu leitor.

Educar é levar avante, conduzir. É mostrar que mudanças são possíveis a partir de ações humanas. E a leitura de textos literários desempenha papel fundamental na transformação do mundo e encaminhamento de uma vida melhor para todos que dependem dela para conhecer o ambiente que os rodeia. A leitura é libertadora. O leitor procura na ficção elementos que expressem seu mundo interior. Por isso que “leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida” (ZILBERMAN ; SILVA, 2008, p. 59).

As melhorias desenhadas exigem uma complexidade em torno dos elementos que constroem o discurso narrativo, o qual se afasta dos pressupostos básicos, no entanto, “Um bom livro é aquele que agrada, não importa se foi escrito para criança ou adulto, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros.” (ZILBERMAN, 2014, p. 9). O contemporâneo literário recorre a essa mistura, em vias básicas e complexas da existência humana.

Diante disso, os livros infantojuvenis tiveram que diversificar seus temas, trazer reflexões sobre os problemas de vida, próprios da realidade dos leitores ou respostas para questões educativas que, consequências de novas atitudes morais, enfraquecia o consenso sobre a preservação da infância e da adolescência como etapas inocentes e não contaminadas, ideia comum na narrativa de décadas anteriores. Surgem, pois, narrativas mais centradas em [...] “encarar os problemas, do que em ocultá-los” (COLOMER, 2003, p. 257).

Ao analisar os romances juvenis contemporâneos, no Brasil, consideramos um grupo variado, que abrange obras que tematizam a construção de uma personalidade própria, a vida em sociedade, a ficção científica, o romance policial, narrativas históricas etc. Porém, ao examinar as obras de uma maneira geral, destacamos, por ordem quantitativa, as de introspecção psicológica.

Percebe-se narrativas juvenis, que percorrem o “espaço interior” das personagens, geralmente adolescentes. Associados ao tema, temos duas inovações temáticas reconhecidas da literatura juvenil; aquelas com a descrição de aspectos psicológicos dos protagonistas e

a abordagem de conflitos familiares, amorosos, e as de questões polêmicas presentes na vida do jovem e de uma criança, como a morte, a enfermidade, a dor e a solidão, entre outros.

Temos como, por exemplo, Sérgio Capparelli, que por sua vez, no livro de poemas *O duelo do Batman contra a MTV*, aborda as relações entre pais e filhos. Laura Bergallo, em *Aliceno espelho*, foca a ditadura dos padrões estéticos, que obriga os adolescentes a se submeter a sacrifícios de toda ordem, para se enquadrarem aos padrões físicos e comportamentais, dito como adequados para a integração ao meio social.

O escritor tem se beneficiado de grande liberdade em torno de sua escrita, tem explorado todos os nuances dos mais complexos ao mais simplório, mas a autora afirma que é preciso ter cuidado nesse caldeirão literário que se tornou a literatura infantojuvenil.

Contudo, ele não pode ir longe demais: os leitores precisam se reconhecer nas personagens, há limites para mexer com a temporalidade, e a ação precisa ter um mínimo de coerência. Outra questão crucial: o leitor também traz algum tipo de experiência, uma bagagem de conhecimentos que precisam ser respeitadas, caso contrário se estabelece um choque entre quem escreve e quem lê, rompendo a parceria que só dá certo se ambos se entendem. (ZILBERMAN, 2014, p. 14)

Assim, entendemos que a predominância nas tendências narrativas juvenis brasileiras contemporâneas investiga, de maneira geral, temáticas em torno da maturidade e do aprendizado humano de jovens protagonistas que procuram sobre si mesmos e dos outros, soluções, em especial as questões familiares e comportamentais, através de enredos que dão espaço para temas polêmicos, como o preconceito, a adoção e a morte.

Já a linha de denúncia social está centrada em uma ficção preocupada em conectar a literatura com denúncias, que se dedica sobre a crítica social, através da apresentação de conflitos que devastam o país, especialmente nos centros urbanos. Esta linha traz histórias que internalizam na personagem juvenil as várias crises do mundo social, como violência, corrupção, narcotráfico e a miséria, dentre outros tantos temas recorrentes. Como em, *Eles não são anjos como eu*, de Marcia Kupstas, a história é narrada a partir do ponto de vista de um anjoda guarda, que aborda a problemática social do uso de drogas (no caso, o crack) e do abandono de crianças e velhos.

Mas, a literatura juvenil brasileira do início do século XXI, também dá espaço para a fantasia, embora com menos recorrência, pois a maioria, mostra narrativas nas quais o maravilhoso e o fantástico estão em sintonia com a realidade. Como *Luna Clara & Apolo Onze*, de Adriana Falcão, mistura elementos fantásticos e humorísticos, demonstrado numa história de amor, já os contos de Marina Colasanti em *Penélope mandam lembranças*, expõem situação sinuadas pautadas pelo insólito e pelo mágico.

Temos também as obras de temática policial, com uma vertente de mistério e investigação que geralmente envolvem a resolução de crimes, desaparecimentos e/ou sequestros, com jovens protagonistas como investigadores. A narrativa de *O dia em Felipe sumiu*, Mili Leite, traz um romance policial, com o mistério do sumiço de um amigo da turma, além de questões ecológicas. Ainda temos a tendência de revalorização da cultura popular, Ricardo Azevedo, em *Armazém do Folclore* apresenta contos que, através de circunstâncias fantasiosas, retratam o imaginário popular brasileiro.

O objeto de pesquisa da autora, Gabriela Luft, em seu artigo “A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências” pautados nos estudos de Teresa Colomer discorre que ainda temos duas fortes tendências, de grande representatividade, pouco indicadas, as obras de vertente histórica e aquelas em que as referências intertextuais desenham o elemento principal como o organizador dos textos. Gabriela Luft, aponta inúmeras obras contemporâneas, algumas premiadas com Jabuti, onde as temáticas superam o contexto de uma literatura enviesada a respeito de seu público. Sob a perspectiva da autora, a pesquisa traz algumas obras, a qual podemos considerar seu caráter contemporâneo.

Mas a linha que mais se destaca, hoje, nas narrativas juvenis contemporâneas é do romance histórico baseado em fatos ou momentos históricos, a partir de dados oficiais registrados na história. Como em *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*, de Maria Filomena Bouissou Lepecki, Gabriela Luft, retrata a Guerra do Paraguai, promovendo um debate sobre os fatos marcantes da história tradicional. Em *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*, de Joel Rufi no dos Santos, a narrativa tem como cenário o final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o autor aproveita e traz abordagens sobre temas como o nazismo, a ditadura e a intolerância religiosa.

Já a linha da intertextualidade é constante e as narrativas juvenis brasileiras apresentam manifestações artísticas próprias da tradição culta, sobretudo a literária, onde os leitores se sentem como parte e entendem, como adequadas para sua formação literária básica. Em *No longe dos Gerais*, Nelson Cruz, impressionantes imagens que surgem do texto de João Guimarães Rosa e impactado pelo “laboratório” vivenciado pelo escritor durante viagem realizada em 1952, constrói um olhar para o menino, que se sente presente em uma boiada.

Enquanto, em *Ciumento de carteirinha*, Moacyr Scliar, parte do pressuposto de que movido pelo amor ou pelo ciúme o homem é capaz de cometer as maiores loucuras. Queco, se envolve em uma competição escolar em torno do romance *Dom Casmurro*, de Machado

de Assis, e com ciúme de Júlia, uma antiga namorada que estava de paquera com outro garoto, assim cria uma carta do próprio autor em que quer provar a culpa da enigmática Capitu.

Assim, uma linha bastante relevante da literatura infantil e juvenil brasileira se espelham em referências culturais, como nas obras *Da minha janela* (2020), de Otávio Júnior e Vanina Starkoff. A vida da favela passa poeticamente na janela de uma criança nesta obra. outro exemplo a obra *Ines* (2016), de Roger Mello e Maria Massarani primeiro lugar do Jabuti categoria infantil. De Carolina Moreira e Odilon Moraes *Lá e aqui* (2016) A separação dos pais é o tema deste livro, um enredo sensível e encantador que mostra o olhar da criança a respeito das suas duas casas. Desta forma as relações intertextuais presentes nas narrativas, desenvolvendo diálogo entre formas artísticas e culturais, são, pois, elementos que traduzem uma visão contemporânea da literatura.

Ao refletir sobre as temáticas mais discutidas nas narrativas juvenis brasileiras contemporâneas podemos entender que, desenham-se novos modelos na representação literária da sociedade, os quais estimulam a renovação dos padrões literários existentes. Os gêneros literários destacam as inovações temáticas baseadas numa relação estreita, de tal forma que a mudança efetuada nesses aspectos exige alterações a partir dos desfechos produzidos, na ação do narrador, na caracterização das personagens e nos cenários narrativos representados.

Deste modo, amplia, também, a participação aprovada pelo leitor na interpretação da obra. Obriga uma leitura mais interativa derivada dos muitos elementos considerados pelas obras atuais, como o uso de referências intertextuais. Também, precisamos destacar, que a narrativa juvenil se distancia do discurso equivocado e controlado pelo narrador. Observamos, pois, um momento de amadurecimento, influenciado pelo surgimento de muitos novos autores e da diversidade de temáticas escritas.

O período contemporâneo para literatura infantojuvenil, se mostra como um momento especial dinâmico na modernização da narrativa, processo que dá ênfase em sua função literária. O impulso experimental aumentou os limites e os condicionamentos anteriores, que consideravam adequados e compreensíveis para obras dirigidas a jovens e crianças. A criação de um produto cultural mais livre em relação a seus destinatários e com características mais modernas, que constroem um caminho de formação literária focado na infância. Um número expressivo de autores experientes, com muitos prêmios, reconhecimento de público e de crítica, o que estimulou, ao lado de novos autores, uma

produção intensa em busca de qualidade estética, também uma maior divulgação e um maior conhecimento da literatura infantojuvenil brasileira no atual século XXI.

No decorrer da história da literatura infantil e juvenil, constatamos que os paradigmas vão se rompendo aos poucos, e, por vezes, quebrados, para a construção de novos. Inicialmente o cenário que ilustrava o mundo da infância, depois as narrativas vinham das tradições orais, e a tradição escrita de histórias maravilhosas. E se estendeu por muito tempo, a linguagem escrita como a única valorizada; posteriormente, as ilustrações começaram a ser aceitas. A literatura infantojuvenil brasileira em tempos contemporâneos está amadurecendo. Ela, está voltada em enfrentar os problemas do que escondê-los, com temas diversificados que refletem a realidade de vida dos leitores e uma preocupação educativa, enxerga a infância e a adolescência como etapas, diferente de como se fazia em décadas anteriores. A literatura para infância, ainda que com toda evolução, se mostra flexível, pois ainda permeia pelo clássico, o que a torna rica em suas particularidades.

O que transmite esse telefone sem fio, cuja voz não ouvimos, são palavras do passado fecundando o presente da narrativa, simbolizando, assim, não apenas o modo como atualmente escritores e ilustradores se dirigem ao público, mas também a infundável comunicabilidade e infinita inventividade dessa linguagem particular. (Zilbemman, 2014, p.117)

Entre um diálogo e outro com os clássicos, muitas características novas alcançaram nos livros em geral, mas principalmente nos voltados para o público infantil e juvenil, tantas têm sido os avanços que é possível mensurar como a leitura de um livro tradicional é diferente da leitura de outro com um projeto gráfico mais elaborado. Novos projetos gráficos brincam com as paginações, tamanho, fonte, cores, abertura diferentes são uma inovação, também na forma como é feita a costura do livro, os cortes os transformaram em um elemento importante para a história, sua existência nos surpreende, os detalhes enriquecem a experiência literária se torna única nestes casos, independente da faixa etária, conforme afirma o autor.

De fato, formato e tamanho, como elementos estruturais à categoria das dimensões no objeto livro, em sua tridimensionalidade ótico-tátil, quando pensados enquanto linguagem, como mídia, não passam despercebidos pelo Ler corpo-a-corpo realizado pelo Leitor, que segura e manuseia esse mesmo livro (GIRÃO, 2022, p.94)

Todas essas ferramentas são capazes de garantir uma experiência literária fantástica, o leitor constrói seu repertório e habilidades que modifica seu olhar diante de outros textos, estimula as sensações, os sentimentos e a leitura artística. Exemplos como o *Bárbaro* (2013), de Renato Moriconi, belíssimo livro imagem, demonstra em sua materialidade

aventuras maravilhosas que povoam a imaginação das crianças. Livros interativos sanfonados, fatiados, livro cenário, um exemplo o livro *A velha fiar* (2018), de Suyara entrega uma produção artesanal de um conto acumulativo. Assim compreende-se o tirar, botar, chacoalhar, recortar, destacar, carrega de fato sentidos nas obras. *A tromba* (2019), livro brinquedo de Tino Freitas e Debora Barbieri, lenga- lenga, que faz uso do código de barra do livro como bigode ao ser colocado na criança. Livros que apresentam um exercício de percepção de modo que eu perceba o significado estrutural.

A maneira contemporânea de ver o livro possibilita tornar a literatura mais democrática, “uma vez que compreender uma imagem não é o mesmo processo que ler um texto, de modo que [a nova linhagem de] livros-ilustrados pode intrigar qualquer não leitor, criança ou adulto.” (HUNT, 2010, p.245) Obras com características democráticas não obrigam que o leitor tenha um repertório literário vasto, o que permite ampliar os tipos de leitores. Neo-paradidático, é nomenclatura moderna aos livros informativos, trata-se de livros com projetos gráficos e ilustrações que brinca de tal forma, que entra no conceito e oportuniza experiências estéticas, ainda que tenham foco informativo. O conceito desses livros tripé, linguagem verbal, linguagem visual, projeto gráfico-editorial/design busca entregar para o leitor acesso a arte, em especial a literatura, a oportunidade de ver o mundo através dos livros. Um olhar a literatura além das palavras, é ver para todos os lados, todas as possibilidades.

Por este viés, tem se constituído a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea, se modernizando em amplo aspecto, buscando enxergar as complexidades que permeiam as narrativas das obras literárias do gênero. Algumas marcas dos textos contemporâneos estão diretamente associadas às tendências que foram criadas na segunda parte do século passado, com experimentalismo, engajamento social e eclética em suas misturas de tendências.

Ao observarmos pesquisas como da, Gabriela Luft, em torno da literatura infantojuvenil neste início do século XXI, as pesquisas de Luis Girão e tantos outros que tem o gênero como objeto de pesquisa, pode-se compreender a versatilidade e diversidade de obras como as citadas acima, outro aspecto observado pela pesquisa foram as premiações de tais obras, o qual nos levou a apresentá-las nesta pesquisa.

PARTE II

4. A LITERATURA EM MATO GROSSO DO SUL E SEUS ASPECTOS

A construção de uma pesquisa historiográfica da literatura Sul-mato-grossense em seus diferentes aspectos e abordagens se faz complexa e de difícil especificação, ainda mais quando se constrói por um gênero fora do arcabouço da chamada literatura para adultos. No aspecto histórico da literatura local, muitas leituras corroboram, para que possamos entender as estruturas da presente pesquisa, haja vista, heranças marcadas do processo, para compreensão e estilos atuais. A literatura regional infantojuvenil, a qual estamos tentando entender e dar significação, também está em fase de construção, pois o estado é jovem, em especial em sua literatura para crianças e jovens.

No século XX, em linhas gerais, a literatura de Mato Grosso do Sul transita entre os ícones do Pantanal, como o homem pantaneiro, o boi, e toda sua beleza natural. Somente nos últimos anos, vem emancipando-se dessas abordagens. O importante é compreender que “no processo de recompor o passado, por meio do presente, é preciso contextualizar cada texto no tempo e no espaço, [...] visto que a literatura, como intérprete do homem e do mundo não pode estar isolada da História, da Economia, da Política, dos padrões sociais.” (SÁ ROSA; NOGUEIRA.2011, p.322).

Neste sentido, a segunda parte da pesquisa, aqui apresentada, aborda brevemente as manifestações literárias do nosso estado em suas nuances e influências do meio.

4.1 CAMINHOS PERCORRIDOS PELA LITERATURA DE MS

Desde seu início em 1979, Mato Grosso do Sul tem uma história marcada por movimentos políticos, sociais, culturais e econômicos. No solo sul-mato-grossense, algumas peculiaridades, histórias que apenas alguns conhecem, como essa contada por Aglay Trindade Nantes, um segredo de *Morro Azul: estórias pantaneiras* (2010).

Estórias contadas não tem data certa. Só dizem que “faz tempo”, muito tempo, Mas o certo é que eles aconteceram. Só os morros permanecem os mesmos, grandes muralhas de pedras, impávidos e perenes a testemunhar a vida. Eles não contam o que sabem nem o que viram. (NANTES, 2010, p.19-20)

Na obra *Morro Azul: estórias pantaneiras*, Aglay se refere aos tempos primórdios de guerra, o qual, a fuga para os morros eram a única opção de sobrevivência. Durante a

Guerra da Tríplice Aliança, conhecida como Guerra do Paraguai, refugiados da batalha deixaram suas marcas e histórias, que de fato, algumas, somente o morro poderiam contar, se assim pudesse. Diante de tantos memoriais, Mato Grosso do Sul conta suas histórias através de uma eloquente literatura.

A literatura sul-mato-grossense sempre foi polifônica, seu espaço geográfico localizado no Centro-Oeste, contribui para, com suas muitas vozes, haja visto, o relevante número de autores das regiões fronteiriças. De início, tendo o campo socioeconômico em evidência, as paisagens sulinas começam a emergir, assim, o homem do campo é o personagem principal no cerrado nas furnas, no pantanal e nos livros. Pelo viés étnico, a população de Mato Grosso do Sul se mescla e se desenvolve na transferência das experiências. A partir destas confluências culturais, “[...] tudo indica terem sido os trabalhos escritos de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres os primeiros a revelarem preocupação literária” na região sul do grande Mato Grosso. (PONTES, 1981, p.23).

Em *Vozes da Literatura* (2014) a doutora e pesquisadora Albana Xavier Nogueira tece comentários a respeito dos primórdios da nossa terra, referindo-se a enorme dificuldade do fazer literário da região, por se tratar de um lugar de difícil acesso com as metrópoles. Nas palavras de Pontes (1981, p.24), Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, por ocasião da fundação de Corumbá, não imaginava ter lançado a semente literária da região Centro-Oeste do Brasil, semente esta que daria muitos frutos. De Corumbá nasce primeiro núcleo sul-mato-grossense de literatura, sendo um berço fértil na área da literatura, mesmo antes da existência da atual capital de Mato Grosso do Sul e outras importantes cidades literárias deste estado.

Corumbá foi um grande centro dos homens das letras, chegando ao amadurecimento com Pedro Medeiros e Lobivar Matos. A respeito do poeta corumbaense Pedro Medeiros, infelizmente grande parte da sua obra foi perdida e esquecida nos folhetins dos jornais. É donodo célebre poema “Lenda Bororo” exaltação à sua terra natal. Pedro Paulo de Medeiros foi o poeta que mais se destacou entre os sonetistas da primeira metade do século passado.” (PELLEGRINE, SENA, 2014, p. 13).

Contemporâneo a Manoel de Barros, Lobivar Matos apesar da vida tenra, foi o poeta das formas livres, intitulado como o poeta desconhecido, porém, agora reconhecido de fato, inclusive pela academia sul-mato-grossense de letras; Matos se destaca como um autêntico modernista, intelectual da “Cidade Branca” na década de 1930.

“As personagens encontradas na maioria dos seus poemas foram homens e mulheres

pobres e excluídos moradores de Sarobá, lugar por ele mesmo definido como “a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo”. Foram ainda índios, à espera de um Areôtorare que os ouvisse, Marias, Josés e bororos que se confundiram em lobivares diversos amparados pelo discurso da necessária poesia de cada dia.” (PELLEGRINI, SENA, 2014, p. 47)

Pontes (1981), apresenta, além, dos autores citados acima, uma gama de escritores que fazem jus à fama corumbaense literária: Luiz Feitosa Rodrigues, Carlos de Castro Brasil poetas, jornalista e advogado. Franklin Cassiano da Silva autor de poesia e importantes peças teatrais como “Cuiabá em Revista”. Desse conjunto, Alceste de Castro, poeta e bacharel em Direito, contribuiu expressivamente com os escritos que fizeram de Corumbá um celeiro de homens das letras.

Escreveu as seguintes obras poéticas: “Celestiais”, “Crepusculares”, “Os Rios e Outros Poemas”. De sua autoria não ainda: “Poetas Mato-Grossenses”, “Poetas Corumbaenses”, “Realidade de Mundos Irreais”, “Um Rio Banhava o Paraíso”, “Antigas Questões de Limites do Acre”, “Polônia Amada”. Seu livro de reminiscências “CORUMBÁ DE ANTIGAMENTE” é famoso na literatura sul-mato-grossense. (PONTES, 1981, p.50)

Segundo PONTES, (1981, p.51), Renato Báez, Carlos Vandoni de Barros, Gabriel Vandoni de Barros, Clio Proença, foram homens que tiveram seus lugares na academia mato- Grossense de letras, produziram incansavelmente suas memórias voltadas às belezas e mazelas da cidade branca. Dessa banda sulista os poetas reproduziram vozes dos indígenas, negros, pobres, ribeirinhos. “[...] livros a respeito da “Cidade Branca”, seu passado, suas tradições, suas personalidades, com a preocupação essencialmente informativa e de catalogação, chegando mesmo a relacionar os principais vultos da Medicina da Marinha, [...]” (PONTES, 1981, p.51). De poetas de tom romântico, simbolista, parnasianos a escritores modernistas, Pontes (1981, p.51,52), destaca ainda outros importantes nomes da história literária corumbaense, como: Corinha Maciel Chama “*Canção mais antiga*”, Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz “*A Sinfonia da Alma*”, João Lisboa de Macedo, Osório Gomes de Barros “*Pregando no deserto*”, Rubens de Castro e o poeta Neimar Machado de Barros. Grande parte dos seus escritos eram carregados de elementos específicos, pertencentes a um determinado meio, um regionalismo representando o ser humano em sua forma integral, cujos sentimentos diversos, transformam-se em escrita e desta maneira a literatura de Mato Grosso do Sul passava a encontrar caminhos ao longo da sua história.

Os municípios mais antigos, além de Corumbá, também fizeram parte desse processo histórico, como Três Lagoas, Aquidauana, Dourados, Ponta Porã e Campo Grande. Nos veículos de comunicação mais antigos dessas cidades certamente encontraremos os

nomes do poeta Severino de Toledo, em Aquidauana; Campo Grande consagrou, Oliva Enciso, Germano Barros de Souza, Otávio Gonçalves Gomes e muitos outros autores.

Pontes (1981, p.38), afirma que *Camalotes e Guavirais* do tabelião intelectual Ulysses Serra, coloca de fato a literatura das terras sulinas em holofotes. Com muito empenho Ulysses Serra se tornou o primeiro presidente da Academia de Letras e História de Campo Grande.

Segundo Pontes (1981), a Academia de Letras e História de Campo, Grande atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, não tinha como objetivo central promover um manifesto literário, impor ou deflagrar uma corrente literária específica. O desejo era reunir os cultores da literatura e da história, os que tinham interesse em promover e manter um centro cultural no sul do Estado, demonstrando amadurecimento quando muitos os viam como terra verde literária. Com Ulysses intelectuais de todas as tendências reuniram-se em uma busca do mesmo ideal.

Autores como Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, Visconde de Taunay, Ricardo Franco de Almeida Serra, Augusto João Manoel Leverger conseguiram vencer obstáculos dos primeiros momentos da literatura e se tornaram referência. Pontes (1981) descreve a literatura do Mato Grosso do Sul como um processo o qual, foi moldado historicamente sobre as expressões sociais locais, inspiradas pelo Rio de Janeiro, quando metrópole literária nacional, influenciada diretamente pela Europa. Em seu fazer poético, os escritores locais mergulharam profundamente pelos caminhos da poesia, da prosa e da crônica, por vezes pelo viés tradicional ou modernista, com tudo, com características regionais que sempre serviram de base.

No fazer estético concebido pelos autores locais nota-se uma literatura plural, feita de muitas culturas singulares, típicas de um espaço multicultural fronteiriço, onde se revela a multiplicidades de povos e culturas. Diante deste caldeirão, os autores se apropriaram do processo histórico, usufruindo como matéria prima do seu fazer poético para representar seus sentimentos, em especial pelo espaço onde viviam.

No decorrer da infundável trajetória da natureza humana, os dramas e os sentimentos são sempre os mesmos, o que se modifica são os contextos histórico, sociocultural, religioso, político e econômico que possam estimulá-los ou interditá-los. Dentro dessaótica, o que se revela é a visão que o autor tem desses conflitos e o modo como os representa na criação estética, em que conta com a magia do imaginário poético e a mediação da linguagem, de cuja liberdade o artista da palavra usufrui. (ROSA; NOGUEIRA.2011, p.335).

O regionalismo literário, arraigado nas representações da cor local, favorece ao sentimento saudosista romântico e quando os olhos dos autores estão voltados para as

belezas naturais, a crítica nos aponta que poderíamos ter buscado novos caminhos; desta maneira “Emvez de acompanharem as transformações, [...] ficam centrados em si mesmos, reinventando dores e alegrias. O distanciamento dos grandes centros, a precariedade dos meios de comunicação manteve-os presos aos ideais românticos e parnasianos” (ROSA; NOGUEIRA.2011, p.327). Ainda assim, dentro do processo histórico da literatura podemos dizer que temos uma gama de autores e produções ecléticas, pessoas que deixaram grandes contribuições para uma terra rica por natureza.

Acrescenta-se, ainda, que a fase inaugural foi oportuna para o fomento de um clima de otimismo e esperança. Se, de um lado, viveram-se momentos de efervescência na produção de textos, estimulados pela ânsia de conseguir publicá-los, de outro, assistiu-se ao despertar do interesse em conhecer e valorizar autores que já vinham produzindo suas obras, muitos deles, no mais perfeito anonimato. (NOGUEIRA. In: PELLEGRINI. 2014, p.13).

Em seu percurso histórico na literatura, Mato Grosso do Sul contou com autores que se dedicaram em produzir obras que contribuíssem para o fortalecimento de um fazer literário consistente.

Podemos afirmar que, em sua maioria as produções mescladas por ficção e narrativas históricas, geográficas e políticas; o memorialismo também é constante nos textos, crônicas que recuperam a memória do estado. Temos uma história para além das fronteiras, haja visto ser bem difícil de limitar a cultura literária, visto que estamos embrenhados por paraguaios e outros que migraram para o estado. Carregamos uma formação cultural, ademais as questões geopolíticas, sendo está mosaica e complexa, pesquisá-la é quase a prática de um garimpo.

Neste garimpo, compreendemos que a literatura sul-mato-grossense escreveu sua história e ainda a tem escrito, pois ela acompanha o tempo. “Assim, a dimensão histórica de qualquer literatura diz respeito ao fato de que as ficções acompanham o movimento da história expressando representativamente seu tempo e incorporando seus valores, isso só pode ser apreendido no jogo estético-narrativo.” (SOUZA, 2010, p. 51). A linguagem, própria da literatura, desempenhou seu papel em torno deste processo histórico e imprimiu caminhos e valores com seus elementos estéticos, em diálogos estabelecidos com seus leitores e assim a linguagem literária tem formado um povo, pois sua humanização inerente à grande literatura, dita e refaz consciência. Confere a autora “Na medida da linguagem está a medida da consciência.” (SOUZA, 2010, p. 68).

Podemos afirmar também, que a literatura construiu uma história à parte nas páginas jornalísticas, retratando cotidianamente os fatos dos costumes e tradições, em suas crônicas e sátiras diárias. “Nenhum outro veículo de comunicação cultural se prestou mais que a

imprensa escrita para a difusão e cultivo da literatura em Mato Grosso do Sul.” (PONTES, 1981, p.27). “Para conhecer a história literária de Mato Grosso do Sul, devem-se procurar em revistas e jornais as produções do tempo em que o modelo de viver era bem diverso do atual. Esses acervos, de outrora funcionam como suportes do inconsciente coletivo.” (SÁ ROSA; NOGUEIRA.2011, p.321).

Os jornais se tornaram escolhas por parte dos escritores, pois havia muita dificuldade no campo da edição; dessa maneira as publicações nos veículos de imprensa oportunizaram a circulação de seus textos literários. Por essas páginas chegaram muitos suplementos literários, além dos corriqueiros fatos cotidianos e sociais, as militâncias políticas e os anúncios comerciais. “Desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras” (PONTES. 1981. p.25). Os veículos de imprensa jornalísticos colaboraram com um passado glorioso das muitas publicações dos versos e prosas dos escritores e aventureiros da palavra. Infelizmente muitos dos jornais que tanto contribuíram saíram de circulação, dos poucos que restaram encontra-se o Correio do Estado.

A literatura Sul-mato-grossense historicamente produziu grandes obras. Já no século XXI novos tempos se anunciam, bons escritores aparecendo e as publicações se multiplicando. A literatura sul-mato-grossense está por toda parte. Os textos migram de sites, jornais, revistas, para os livros, e-books ou mesmo livros físicos e conquistam os leitores, principalmente os que gostam de textos mais compactos. As mídias sociais e toda a tecnologia disponível dá novos caminhos à literatura contemporânea, abrindo espaços para inúmeras pessoas escreverem, sem dúvidas é um espaço muito mais democrático, o que contribui para uma circulação mais abrangente e de maior acesso aos leitores.

Albana Xavier Nogueira, na obra *Vozes da literatura* (2014), discorre, o suporte para as palavras impressas no objeto livro, e outras modalidades históricas e científicas mudará, como aliás, já está ocorrendo. Ainda, segundo a autora, o leitor acostumado a manusear a obra com papel impresso, talvez tenha que se adaptar à “textualidade eletrônica” da era moderna. Diríamos, ainda que, embora haja certo clima de insegurança em relação à literatura, diante das transformações sociais, sobretudo por conta das mudanças tecnológicas proporcionadas pela internet, tudo indica que a literatura deve prevalecer, mesmo em diferentes aspectos, por ser patrimônio histórico e social comum a cada povo. Albana, conclui, portanto, caberá aos autores sempre que necessário ajustarem seus textos à transmissão eletrônica.

No último capítulo da obra, *A literatura Sul-mato-grossense na ótica de seus*

construtores (2011), em suas palavras finais Albana Xavier Nogueira aponta a necessidade do escritor em buscar saídas, reinvenções e articulações com as temáticas emergentes atuais. No que tange a literatura Sul-mato-grossense, compreende em sua história grandes obras humanizadas e autores consagrados. Dessa maneira cabe aos jovens escritores a continuidade ea percepção de que a literatura traça a natureza humana em seus contextos religiosos, políticos, econômicos, histórico e sociocultural, sendo assim, a visão do autor de maneira perspicaz, representa toda complexidade dessa natureza, criando esteticamente, com discurso linguístico literário imaginativo e atualizado.

Resumindo, as vozes dos poetas, escritores, historiadores, memorialistas evidenciam a constante preocupação com o redimensionamento da cultura, das artes, das tradições, ao mesmo tempo em que reconhecem o compromisso que lhes cabe de fazer da literatura não apenas um instrumento de lazer, mas, sobretudo, um veículo de conscientização social e de humanização, ratificando as palavras de Antônio Cândido que considera o caráter formador da literatura como uma de suas funções essenciais, ao afirmar que a literatura “não corrompe, nem edifica, mas humaniza, em sentido profundo, porque faz viver”. (NOGUEIRA. In: PELLEGRINI. 2014, p.15).

Partindo do pressuposto, de uma humanização promovida pela arte-literária, compreende-se a necessidade de uma continuidade do fazer literário, tendo em vista os mais jovens autores que vêm surgindo em Mato Grosso do Sul. Um tempo promissor é o que se pode esperar, já que autores e entusiastas da literatura, dedicam-se valorosamente ao desenvolvimento literário do estado, seja por meio de tudo que envolve a escrita, publicações, encontros que ressaltam a criatividade do fazer literário.

A rápida passagem pela historiografia e algumas menções a obras e escritores é importante para as reflexões que aqui pretendemos e nos ajudam a compreender a formação e os aspectos da literatura em Mato Grosso do Sul, pois apontam para um direcionamento que se reflete na produção atual, ainda que nossa intenção esteja em falar de obras do gênero infantojuvenil.

4.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM MATO GROSSO DO SUL

Até aqui, discorremos a respeito da literatura por meio de algumas abordagens, principalmente históricas, mas o que de fato, podemos compreender a respeito da literatura infantil. Sob a perspectiva da professora pesquisadora Ana Arguelho de Souza, a literatura é uma necessidade humana.

A literatura é antes de tudo, engenharia de palavras. É por meio da palavra oral ou escrita que ela se realiza. Seu campo é vasto. Ela nasce da necessidade de os homens desde a sua origem, registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações vindouras. (SOUZA, 2010, p. 9)

No cenário da literatura infantil e juvenil, Mato Grosso do Sul, é um jovem produtor literário; historicamente e culturalmente o estado sempre buscou no folclore tradicionais inspirações para a maioria de suas histórias, apesar de seguir a linha dos contos de fadas, tem como escopo o interior das matas a fauna, a flora. A literatura para as crianças e jovens, ainda que fortemente folclórica e ambientalista, aponta temas dos mais diversos possíveis, ora vislumbrando a cultura local, ora privilegiando apenas os espaços regionais como pano de fundo para temas universais que fazem parte do cotidiano das pessoas, alguns momentos o regionalismo é deixado de lado, mas as relações com o que é tradicional sobressaem, como nas narrativas as quais, os avôs e avós integram os enredos. Sobretudo, a literatura Sul-mato-grossense cumpre seu papel social comunicando-se com a sociedade nela inserida.

Esse é um jogo que se revela no estilo, nas ilustrações, no projeto gráfico, estético e narrativo da obra, na linguagem, enfim, que cada sociedade forjou para se comunicar estabelecer parâmetros educativos e sociais. (SOUZA, 2010, p. 19)

A literatura infantojuvenil de Mato Grosso do Sul permeia caminhos em busca de crescimento. Ainda que se tenha crescentes produções literárias, o gênero tem pouco mais de vinte anos, chega ser recém-nascido diante da historiografia brasileira infantojuvenil. Diante da pouca idade, as representações coletivas se fazem muito presentes nos textos direcionados ao público infantil, ainda que a literatura infantil e juvenil tenha experimentado um enorme impulso inovador, por aqui, muitas vezes uma obra se transforma em um instrumento da coletividade à qual se destina, em suas estruturas carrega seus códigos referentes aos sistemas de signos reconhecidos, como artísticos e/ou literários, em seus contextos culturais específicos, mas pode sim, trazer uma comunicação harmônica da coletividade contemporânea a este texto. Podemos afirmar que as fontes se multiplicaram, dessa maneira os autores enfrentam os desafios da renovação sem perder de vista as raízes. A literatura para o público mirim exige um pensamento universal e cosmopolita do escritor, sem renunciar a um olhar atento para as questões locais e suas características individuais.

Dentro dessa linha de pensamento, grande parte das produções literárias do Estado tem dado relevância os matizes, tradições, aspectos paisagísticos e culturais da região, abrangendo, portanto, temática de feições tipicamente regional, sem, contudo, isolar-se do contexto universal, com o qual a maioria dos autores se encontra em sintonia. Mesmo porque, hoje, o enfoque dado às culturas, etnias e peculiaridades regionais não são ou não devem ser feitas com o intuito de consolidar culturas e identidades originais ou exóticas, até porque, afinal de contas, todas as culturas são originais e diferentes para o Outro. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.335)

A juventude desta literatura, em Mato Grosso do Sul, é marcada pelas poucas

pesquisassem seu âmbito literário. A obra de Pontes (1981), a respeito da história literária sul-mato-grossense timidamente encontra-se um autor e uma autora que se aventuraram na literatura infantojuvenil, é uma das poucas fontes de registro, nela encontramos, Marilda Rezende Perez “Escreveu “... Ainda Era Uma Vez...”, com desenhos de Leda Maria Freire Ribeiro e Sheila Maria R. Peres e capa de Leda Maria Freire Ribeiro, prefácio de Maria da Glória Sá Rosa.” (PONTES, 1981, p.190). E, Otávio Gonçalves Gomes, autor da cidade de Coxim MS, escritor memorialista, poeta jornalista, engenheiro agrônomo, professor. autor do Hino de Mato Grosso do Sul e também do Hino de Rio Pardo, ativista do Movimento Divisionista do Estado, foi membro fundador e presidente da Academia sul-mato-grossense de Letras de 1982 a 1985, titular da cadeira nº 20, patrocinada por Visconde Taunay, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Escreveu Lampejos (1972), Roda Mágica Antologia de Contos Infantis (1978) Ano Internacional da Criança (1979), A Poesia de Mato Grosso do Sul, antologia (1983) e muitas outras obras.

A obra. *A literatura Sul-mato-grossense na ótica de seus Construtores* (2011) os autores do gênero infantil citados são:” [...] Manoel de Barros, Américo Calheiros, Vera Tilde de Castro Pinto, Rubens Aquino de Oliveira, Aldair José de Aguiar, Marisa Miranda, Lori Alice Gressler, Marlene Mourão, Orlando Antunes Batista, Sandra Andrade, dentre outros.” (SÁ ROSA, NOGUEIRA, 2011, p.330). Consta na obra *Antologia de textos da Literatura Sul-mato-grossense* (2013) ainda de maneira tímida as autoras Sandra de Andrade e Vera Tilde de Castro Pinto. Dos poucos nomes encontrados, a literatura infantojuvenil de Mato Grosso do Sul tem o nome de nosso poeta Manoel de Barros, um dos poucos escritores do até então estado de Mato Grosso, que se permitiu mudar o tom. Poeta modernista, fora do lugar-comum, o que lhe proporcionou reconhecimento e muitas premiações literárias. Consagrou-se como poeta ao longo da década de 80 quando recebeu o “Prêmio Jabuti” com a obra “O Guardador de Águas”(1989). Dentre tantas premiações o poeta conquistou, Prêmio Academia Brasileira de Letras, com “Exercício de Ser Criança (2000), Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Livro de Ficção, com “O Fazedor de Amanhecer” (2002) a lista de reconhecimento e premiações é longa. Tantas premiações demonstraram seu fazer poético ao longo de toda sua trajetória sempre foram conscientes, autêntico e honesto em seu ofício artístico.

Manoel de Barros não se contentando com a repetição servil dos métodos do passado, com a linguagem superada (que se desgasta como os tecidos) que não exprime mais nada, partiu para criação do seu próprio mundo poético, com surpreendente unidade, com densidade e nível estético, na forma e na substância. Nada de útil ou superficial em seu artesanato. (PONTES, 1981, p.132).

Manoel de Barros, revolucionário, enxergava valor no desimportante, no desnecessário, gostava do avesso, um equilibrista das palavras. “Manoel de Barros é implacável para os que teimam em não aceitar a evolução, na poesia e na literatura em geral, taxando-os de “monstros que ainda não descobriram o substantivo”.” (PONTES, 1981, p.132). A respeito das suas manifestações poéticas “Trata-se de uma poesia voltada para palavra, nem plena nem pura, nem arcaica, nem concreta, mas verbo que se torna a cada som, a cada letra, imagem única.” (SÁ ROSA, NOGUEIRA E MENEGAZZO, 2013, p. 21). “[...] investiga os mistérios do mundo. Indaga o porquê das coisas, tenta desvendar a mecânica dos movimentos, que regem o universo, busca penetrar no hermetismo de ciência sublime, poderosa, mas incapaz de satisfazer as ânsias do coração.” (SÁ ROSA, NOGUEIRA, 2011, p.330). Autor que rompeu todas as fronteiras com suas peripécias da língua.

Cantigas por um passarinho à toa

Aquele senhor um pouco
louco brincava passarinhos
amanhã.
Ele disse quem enxergava a fala de uma cor.
E queria transcrever para
flautao canto dos vermes.

Esse Bernardo eu conheço de léguas.
Ele é o único ser
humano que alcançou
de ser árvore.
Por isso deve ser tombado
o Patrimônio da Humanidade.

(BARROS. 2019, p.32, 34)

O mestre do discurso intraduzível inspirado no lúdico da criança, não as deixou órfãs da sua poética, dentre suas obras encontra-se, *Cantigas por um passarinho à toa* (2018), *Poeminha em língua de brincar* (2019), *Exercício de ser criança* (2021), editada pela Companhia das Letras com ilustração de Kammal João e Fernanda Massotti.

Apesar dos poucos nomes citados até aqui, a literatura para infância iniciou caminhos e segue o processo com legado deixado pelo discurso de seus autores, o qual têm apontado novos formatos e tendências literárias.

Isto significa que a função e o legado da Literatura ampliam-se cada vez mais, posto que as nações, as identidades constroem-se “no e pelo discurso” que as narra e as constitui. E o discurso literário, dada sua natureza simbólica, figurativa e polissêmica ganha cada vez mais espaço no contexto atípico, polêmico e intensamente diversificado da era atual. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.334).

Em Mato Grosso do Sul as produções literárias estão em pleno desenvolvimento,

“quem produz são pessoas comprometidas com o prazer de gerar signos gráficos, que traduzem a inter-relação do artista com o meio e revelam seu estar e ser no mundo.” (ROSA; NOGUEIRA.2011, p.321).

Os caminhos para a constituição de uma literatura são vários e não obedecem a uma linha reta. O leitor poderá encontrar ainda nos poemas e textos narrativos de autores que se voltaram para a realidade local, um profundo exercício com a palavra, com a sintaxe linear, com o trabalho metafórico, com a sonoridade e o ritmo, algumas vezes vinculados a uma tradição mais clássica, outras já operando na distensão própria do moderno. O que tanto uns quanto outros não dispensam é a constante descoberta de formas com que cantar o seu chão. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.11).

Há muitas obras efervescentes no cenário literário direcionado a infância nesses tempos, como apontará esta pesquisa, no entanto, não são as quantidades em volumes que garantam a literariedade das obras, elemento inserido nas grandes obras, todo esse movimento editorial não é certeza de narrativas humanizadoras assim para alcançá-las “É necessário que ela tenha um conjunto de categorias que lhe confirmam a verdadeira literariedade [...] (SOUZA, 2010, p. 27).O ideário moral não é mais aceito, tão pouco enredos empobrecidos em sua linguagem estética,o identitário local já está à porta da superação. A literatura regional salta a galopes em produção,mas chegará a hora, onde umas vão permanecer e outras não resistiram ao tempo, o que irá garanti-las será a literariedade de sua obra. A saber, “[..] a literatura nunca perderá seu papel na sociedade, visto que o ser humano não sobrevive sem a arte, que o torna mais humano e o ajuda a suportar as vicissitudes e os percalços que precisa transpor cotidianamente, para continuar vivendo.” (SÁ ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.339).

De origem recente, mas com ampla diversidade de temas já explorados e outros a serem explorados, a literatura infantil e juvenil produzida no estado é marcada por temas que contextualizam o espaço e a cultura regional, como já apontado pela pesquisa. A memória afetiva de *Dona Menina* (2014) de Sylvia Cesco, a obra *Lilica, a Galinha árvore!* (2017), de Carmen Lúcia, *No mundo encantado de Luciana* (2022), de Raquel Naveira e a memória das tradições indígenas de *Yvyra Poty e as árvores da floresta* (2006), de Karina Neoob Carvalho Castro, o espaço e a cultura privilegiam a obra, todas elas, marcadas por protagonistas femininas, comum no gênero infantil. Exploram as tradições ao tratar o regional como uma forma de representação, a comunhão com a natureza pantaneira permeia os enredos. São narrativas trançadas por tradições e memorialismo, mas não é só. São narrativas onde “[...] tudo disputa espaço na busca das opções valorativas, éticas e pedagógicas eleitas pelo autor, para que a narrativa atinja a sensibilidade do leitor, altere seus horizontes de expectativas e sedimente valores formativos.” (SOUZA, 2010, p. 59).

Na literatura para a infância, vivemos diante de um narrador que aceita novos pontos de vista, com personagens alegóricos e simbólicos femininos e masculinos, o qual ressurgem, com novas relações sociais, carregadas de um fortalecimento da poesia. Como aponta a autora Ana Arguelho de Souza, (2010), temos experimentado uma sociedade em transição, onde dúvida, indecisão e oscilação de valores fazem parte do cotidiano dos personagens. A autora afirma que, ao observarmos, perceberemos um desmonte das antigas histórias infantis. As obras têm caminhado mais próximos de seus personagens sendo viva e significativa por todos os âmbitos. Como exemplo temos as obras *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um*, de Lucimar Dias, *Obarato das baratas* de Ariadne Cantú, entre tantas outras. Obras vivas vislumbrando um discurso significativo, assim como as outras citadas acima, a diferença é que estas obras não discorrem no tradicional regional. Não se trata de uma balança, do que é melhor ou pior, cada autor escreve segundo seu desejo e a verossimilhança faz parte do processo de criação em sua individualidade.

Neste caldeirão literário do gênero, há espaço, também, para traduções, a obra, *As cores esquecidas e os outros cantos ilustrados* (2013) traduzido pela Mirela Amorim Jafar e adaptado por Rosangela Storti, editora Alvorada. Tem como título original: *Los colores olvidados y otros relatos* de Silvia Gonzáles Guirado, com ilustração David Garcia Forés, Desiree Aracibía, Marta Garcia e Claudia Bin. A obra é uma viagem ao mundo da fantasia e da imaginação, discorre em uma linguagem poética que aborda situações cotidianas, promovendo reflexões sobre desigualdade, superação e autoestima. Mirela Amorim Jafar, também traduziu *Mato Grosso do Sul visitando o paraíso* (2013), obra original de Fernando Gluber, coordenada pela CIL División Coleccionables, S. L. ilustrado por Sally Cunting com título original *Mato Grosso do Sul: Visitando el Paraíso*. Obra que apresenta as belezas Sul-mato-grossense ao grupo de jovens, em uma viagem cultural, cheia de aventuras. As traduções de fato são de tímida iniciativa, mas como aponta a pesquisa, ainda somos jovens produtores do fazer literário no âmbito da literatura infantojuvenil.

A multiplicidade cultural do povo Sul-mato-grossense e a literatura estão aliados ao processo de inserção do fenômeno literário cultural. Graças à miscigenação das diferentes matrizes é possível ter uma literatura heterogênea: rica, criativa e com as características de nosso estado. Há vinte anos permeiam por nosso estado obras de infância ou adjetivada infantil juvenil, ao decorrer desse tempo, cada vez mais a literatura tem aberto portas, enriquecendo o gênero, infelizmente não se pode afirmar que já virou ganha pão de algum autor ou autora, mas compreendemos, que sempre foi um lugar de labuta. “Constatamos,

entretanto, que pessoas, que se dedicam ao ofício de escrever o fazem com paixão, compromisso e sinceridade.” (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.338). Por esta banda sulina a literatura arraigada de tradições já dá sinal de novos tempos literários, não que o tradicional não seja bom, não há em suma uma crítica a este posicionamento. O que a pesquisa aponta, são enredos literários polifônicos, estéticos e universais, que vivem as bordas, as chamadas literatura infantojuvenil regional, quase invisível, mas que existem, apesar da invisibilidade que as acompanham há mais de vinte anos.

4.2.1. LITERATURA INFANTOJUVENIL SUL-MATO-GROSSENSE AUTORES E OBRAS

Há um volume crescente de obras publicadas em Mato Grosso do Sul, a partir desta pesquisa, podemos afirmar que na última década o número de obras e autores se multiplicaram, alguns nomes têm colocado à literatura infantojuvenil em destaque, trazendo mais visibilidade ao gênero, apesar, ainda, do difícil acesso “a literatura é a arte da linguagem escrita que precisará ser trabalhada com o mesmo carinho e persistência com que o artesão modela o barro” (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.321). Assim, com persistência apesar das intempéries, autores do gênero embarcam no desafio da escrita, tendo como cenário um estado jovem com uma literatura de infância fértil, mas imatura, do ponto de vista, de acolhimento, visibilidade e reconhecimento.

A seguir, traremos alguns nomes que se destacam no cenário da literatura infantojuvenil em Mato Grosso do Sul, logo no próximo capítulo apresentaremos algumas de suas obras sob a perspectiva crítica do autor Luís Camargo em sua obra *Ilustração do livro infantil* em diálogo com outros pesquisadores do gênero.

Mara Calvis – tem sido uma grande divulgadora da Literatura infantojuvenil em todo estado de Mato Grosso do Sul, suas obras chegaram às escolas Municipais de Campo Grande e a muitas bibliotecas públicas estaduais através do incentivo à cultura. Sul-mato-grossense. Campo-grandense, poetisa e escritora, publica livros paradidáticos infantojuvenil. Representante da ANAMA e da Tripartite Ambiental. Embaixadora da Paz e do Instituto Lixo Zero Brasil. É membro da União Brasileira de Escritores/MS desde 2012. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul, cadeira 35. Dentre suas obras temos: *As aventuras de Igor, o Peixe barbado nas águas de Campo Grande MS 2ªed. (2022)*, *O vapor Fernandão Navio Fernandes Vieira 2ªed. (2022)*, em

colaboração com outros escritores *Ñade Retãn Nosso Território. Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul 2ªed. (2022)*, *Tuco o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul 2ªed. (2022)*, *Morgana e a chalana 2ªed. (2022)*, entre tantas outras. Em muitas feiras culturais de Mato Grosso do Sul encontramos a autora divulgando não apenas suas obras como de tantas outras obras sul-mato-grossenses. Neste ano de 2023 a autora dá início ao primeiro clube de leitura Sul-mato- grossense chamado “Clube do livro, leitura e literatura” ao todo 30 livros fazem parte do clube, cada mês uma obra surpresa aos participantes do clube, que abrange temas regionais como priori, o clube também contará com leituras coletivas em lives, um quadro de feltros e assim mês após mês os assinantes receberá algum personagem das histórias para que possa formar um painel pantaneiro.

Sem dúvidas movimentos como estes são excelentes para divulgação e reconhecimentodos autores e suas obras em nosso Estado, haja visto notoriamente uma enorme dificuldade em encontrar obras dos nossos autores em todos os segmentos, desde as bibliotecas até as redes livresiras do estado. Um exemplo é **Lori Alice Gressler** – Doutora, pesquisadora e escritora educacional, foi professora nas universidades de Santa Maria-RS, Federal de Mato Grosso do Sul e Estadual de Mato Grosso do Sul, além de vereadora e vice-prefeita da cidade de Dourados. “Lori Alice Gressler provavelmente foi a primeira professora com Doutorado em Educação no Estado de Mato Grosso, antes da divisão.” (PELLEGRINI, SENA 2014 p.194). Dentre suas inúmeras obras, publicou muito no universo infantil e juvenil entre seus títulos, *O monstro que comia Números* (2000), *As lições da natureza* (2000), *Se os objetos falassem* (2002), *Os gigantee as sementes* (2008), *O amigo quase invisível* (2008), *O mistério e o violino* (2011) *O Louro eo Gavião* (2011), *Lembranças do meu avô* (2013), *Os dinossauros da minha avó* (2015), *A mochila falante* (2015). De todas as suas obras, apenas a obra *As aventuras de Tufão* (2016) encontram-se na biblioteca Estadual Dr. Isaias Paim. A demais, em ordem alfabética listamos alguns autores que têm se dedicado exclusivamente ao gênero e outros tantos que se aventuramnessas narrativas infantis.

Ana Lucia Almeida Dichoff - é uma dessas novas autoras que estão se dedicando à escrita literária infantil, corumbaense, filha de professora, fonoaudióloga, pedagoga em exercício, especialista em Educação Especial e Artes Visuais, a ex-marinheira já está em sua sétima produção literária tendo a literatura infantil como primícias. Sua primeira obra é *Meu avô de uma perna só* (2020), logo em seguida lançou, *Ele, o Guardiã da natureza* (2021), *Minha avóde 100 anos* (2021), *Olhinhos Brilhando* (2021), *Renê o aprendiz pantaneiro*

(2022), *Logo Ali*(2023), *O Rei do Meu* (2023). Em cada uma das suas obras a autora faz um diálogo novo dentro do campo da imagética, a diversidade dos traços nas obras se dá pelos diversos ilustradores e temáticas abordadas pela autora.

Ariadne Cantú – Ativista dos direitos de criança e adolescente, escritora, poeta e procuradora de Justiça Ariadne Cantú, é conhecida pela sensibilidade em escrever sobre temáticas ligadas à infância e juventude. Além de artigos e obras de caráter jurídico, é autora de diversas obras infantis e juvenis, dentre suas obras encontra-se; *O barato das baratas* (2012) ilustrado por Iryna Auhustsinovich. *Planeta dos Carecas* (2012), *Enquanto mamãe não vem* (2011), *Vidas interrompidas* (2014). Seus textos são cheios de impressões cotidianas do seu fazer enquanto promotora, suas narrativas buscam apresentar reflexões sobre todas as nuances que envolvem a vida das crianças e adolescente exposto a algumas situações de violação de direitos. As obras da autora são todas enviesadas à realidade, com um sentido político e ideológico, pois denunciam as questões mais relevantes desta sociedade que carrega grandes desigualdades sociais. Desta forma, o adolescente e crianças, enquanto leitor, é convidado a vivenciar problemas abordados através da literatura, que estimula, muitas vezes, a construção de respostas pessoais aos conflitos vividos.

Aurineide Alencar - Professora das séries iniciais da rede estadual de ensino no estado do Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados. Escritora, cordelista, trovadora, formada em Letras, especialista em Metodologias de Ensino Superior e Mestra em Ciência da Educação. Acordelista é dona da Kombi vermelha conhecida como Cordelteca Itinerante, que hoje é considerada um espaço cultural com um rico acervo de cordéis autorais e mais de 2 mil títulos, clássicos e contemporâneos de cordelistas de todo o Brasil. Membro da Academia Douradense de Letras. (ADL), Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG (ALTO), Academia de Letras do Brasil de Mato Grosso do Sul (ALB/MS). Membro fundador da Associação dos Cordelistas de Mato Grosso do Sul (ACOMS). O cordel está em sua vida desde a infância. Nascida no Sertão da Paraíba, local esse em que a literatura de cordel é muito utilizada entre as famílias nordestinas, lhe proporcionou intimidade com os versos, cantigas e rimas típicas do cordel. No âmbito da literatura infantojuvenil de cordéis, a autora explora as releituras de clássicos, cujas histórias são inéditas, mas os enredos familiares ao imaginário das crianças. Entre suas obras estão; *Branca de Neve na Floresta*, *O Castelo Encantado*, *O Jardim da Princesa*, *A Bela Adormecida em Cordel*, *Rapunzel e a Torre*, *O Encantamento da Bruxa*, *A Princesa e o Sapo*, *A Fada Madrinha*, *O Reino Encantado de Gabriel* e *a Vida de Princesa*.

Carmem Lúcia - A autora é uma entusiasta literária, contadora de história, poeta,

professora pedagoga e canoísta, nascida em Itumbiara, interior de Goiás. Membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul. Além de suas publicações em revistas, sites e livros de poesia como, *Entrelaço poético*, a autora é autora da obra infantojuvenil *Lilica, a galinha árvore*, uma emocionante história de amor e amizade entre uma menina e sua galinha.

Cilene Alves Ferreira de Queiroz - Atuante em Academias, AFLMS - Academia Feminina de Letras e Artes do MS; ALB/MS - Academia Letras do Brasil; UBE - União Brasileira de Escritores; APALA VIRTUAL. Graduada em Ciências Biológicas, Mestra em Agronomia e especialista em Docência. Nasceu em Três Lagoas, entre seus livros publicados estão: *Lembrança, Filhos de um destino, Transformar para evoluir, Sala das Flores* e o seu primeiro livro de literatura infantojuvenil *A águia solidária* (2022), lançado pela Vida Produções e ilustrado por Benes.

Eloir Matos dos Santos - Paranaense de Capanema, Eloir veio para Mato Grosso do Sul há tempos, onde se estabeleceu criando raízes. Pedagoga e escritora de literatura infantil, com temáticas regionalistas, Publicou *Bicho do mato, Chapeuzinho cor-de-rosa do Pantanal, Poetizando as adversidades do ano de 2020, Campo Grande a capital pantaneira, Alfabeto do Pantanal*, todas as obras pela editora Life e ilustradas pela própria autora. Como muitas autoras que escrevem sobre o estado, é uma entusiasta literária nas abordagens para a infância.

Eva Vilma - É educadora, pedagoga, especialista em Diversidade e Educação Especial e poetisa. Eva Vilma nasceu em Campo Grande é mãe, escritora, feminista e capoeirista atuante no grupo Camuanga de Angola. Tem participação em três coletâneas poéticas, Cápsula Tarja Preta. Para a infância, publicou, também, em parceria com Ciro Ferreira, o livro infantil “Onde Está? (2015), Ela é... (2020), e o O Fantástico Relógio de Rute (2023), a autora publicou em parceria com Paulo Alaor

Elizabeth Fonseca – Membro efetivo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Especialista em Literatura e Língua Portuguesa Contemporânea, é poeta, cronista e declamadora, fundadora e professora do “Curso Arte de Dizer Castro Alves”. Nascida em Campo Grande-MS, a autora recebeu, entre alguns prêmios, o Prêmio Mérito Literário, concedido pela IV FEMERCO – Feira Do Livro do Mercosul, em 2007 – Campo Grande-MS. Algumas das suas obras: *Sonhos Azuis* (1991); *Retalhos da Vida* (1999); *Além da Janela* (2008). Recebeu “Amigo da Cultura” em 2005, 2006 e 2007, certificada pela FUNDAC – Fundação de Cultura do Município de Campo Grande. A escritora, diante de todo seu currículo, não deixou a literatura infantojuvenil órfã de sua arte, *No jardim da poesia* (2016)

a autora presenteia o gênero ao visitar sua própria infância para entregar um livro de poesia para as crianças e jovens.

Geraldo Espíndola – De Campo Grande-MS, é músico, compositor e arranjador, nascido em 1952, em uma família de músicos de Campo Grande, é com certeza um dos mais importantes compositores da moderna música popular brasileira de Mato Grosso do Sul. Artista de muito prestígio, aventurou-se também no gênero infantil com a obra *KIKIÔ* (2015), um livro com belíssima ilustração dos ilustradores Wanick Correa e Alexandre. A linda obra é uma das suas mais conhecidas canções, inspirada nos povos indígenas e em toda beleza mística que permeia toda existência desse povo guerreiro por natureza.

Gilberto Mattje – Filósofo e psicólogo, especialista em Psicanálise e mestre em Psicologia Social e da Saúde. Gilberto é autor dos livros *Tosco* (2009) e *Caco* (2014), o professor universitário teve suas obras bem aceitas no ambiente escolar Sul-mato-grossense, também fora. Nas escolas do Estado do Rio de Janeiro, foram 21 municípios que aderiram a obra *Tosco*, em um projeto nomeado “Tosco em Ação”, apoiado pela Secretaria de Prevenção à Dependência Química (SePreDeQ).

Guimarães Rocha – Poeta, escritor, membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras, apesar de cearense foi condecorado com o título de Cidadão Sul-mato-grossense. Fundador da União Brasileira de Escritores - UBE/MS à qual presidiu e ocupou diversos cargos em várias gestões, foi idealizador do projeto Noite da Poesia, cuja evolução tornou-se Noite Nacional da Poesia e integra o calendário Oficial de Campo Grande/MS, após ser transformada em Lei Municipal. Autor de muitos projetos ligados à literatura, das mais de vinte obras lançadas Guimarães Rocha aventurou-se na literatura do gênero infantil com a obra *A filosofia da bola* (2013).

Ileides Muller - Pedagoga especialista em metodologia do ensino, poeta e advogada, gaúcha é campo-grandense de coração. Vencedora do Concurso Pérolas da Literatura (Guarujá/SP), Concurso Contos e Poesias “Paulo Setúbal” (Tatuí/SP), Prêmio Araucária de Literatura (Campos do Jordão/SP), Concurso de Crônicas de Ponta Grossa/PR – 2011, terceiro lugar da vigésima nona Noite Nacional da Poesia (UBE-MS / Setur) – 2017. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Dentre muitas publicações fora do gênero infantil, a autora

publicou três obras de caráter infantil, *A lagartinha feliz* (2014) *O passarinho que não voava* (2015) belíssima história de amizade, superação e amor, *Vamos Brincar* (2021).

Itamar Soares de Arruda – Formado em Letras - Português pela Universidade Católica Dom Bosco (1996). Está na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande. Autor da obra *As aventuras de Catií Um quati aventureiro* (2012) ilustrado por Diogo Carneiro editado pela Alvorada, a fábula é uma bela e divertida maneira de repassar valores morais às crianças.

José Roberto Camargo Lobato - Pedagogo, escreve para conscientizar a sociedade sobre educação para todos após sua experiência na escola especial. Escritor de literatura infantil, aos quinze anos lançou seu primeiro livro, *Os três animais* (2001), obra publicada pela associação de novos escritores, segundo livro, *O Mundo dos Animais*, foi aprovado na seleção do Fundo Municipal de Incentivo à Cultura. Oportunizando a doação de 500 exemplares para as escolas municipais de Campo Grande-MS. Um escritor com deficiência que faz uso de suas narrativas como forma de demonstrar as necessidades inclusivas do deficiente.

Layane do Santos Karrú – Sul-mato-grossense, natural de Campo Grande, no entanto cresceu em Miranda, rodeada pelos ares pantaneiros a inspirou a escrever desde cedo, ainda menina ganhou concurso como autora, em um concurso municipal de poesia de Miranda. A obra *Chicoo menino pantaneiro* (2012) pela editora IACBEAS com ilustração de Diogo Godoy e Fernanda Suellen. Nos mostra que a vida pantaneira de um menino não tem nada de monótono, Chico tem o privilégio de conviver com a mais pura natureza e se aventurar de montão.

Lucimar Rosa Dias - organizadora do livro *Coleção Outras Histórias - Culturas Afro-brasileiras e Indígenas*, o qual, atende os alunos dos anos iniciais. Uma coleção de cinco livros ricos em seus enredos e ilustrações, transmitindo a história nacional e ampliando a noção de cultura afro-brasileira e indígena. *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!* (2012), é outra obra, a qual a autora narra uma história bem-humorada sobre autoestima e valorização das diferenças. Doutora em educação pela USP, Universidade de São Paulo, professora na UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atual Diretora de Políticas de Educação Étnico-Racial e Educação Escolar Quilombola/SECADI/MEC (2023), coordena o ErêYá - Grupo de Estudos em Educação para as Relações Étnico-raciais. A autora se dedica a trabalhar com foco na diversidade racial, em especial relacionados às metodologias para Educação Infantil.

Luiz Claudio Ferreira - Professor e escritor de Sul-mato-grossense da cidade de Três Lagoas, autor e produtor de 32 peças teatrais para o público infantojuvenil. Suas duas primeiras narrativas: *Uma história de Princesa* (2021) e *O menino que virou lagarta* (2021). Ambas as obras tratam de importantes temas, no que se refere ao desenvolvimento infantil, abordadas de maneira lúdica e atraente, por um autor talentoso, criativo e polifônico.

Marcela Lemos Monteiro – A obra *Tiquinho do pantanal* 2 ed. (2008) ilustrada pela própria autora é fruto de um relacionamento estreito com o Pantanal, desde que se casou e passou a sededicar em tempo integral à região pantaneira. Defensora do equilíbrio entre exploração econômica e exploração da natureza, acredita que um não pode sobreviver sem o outro. Formada em Engenharia Agrônoma, Marcela nasceu em Stellenbosch, África do Sul, e encontrou sua verdadeira paixão a décadas quando se mudou para o Pantanal, paixão que visivelmente encontra-se em suas telas. Na obra *Tiquinho do Pantanal*, o menino Átila conhecido como Tiquinho, em um dialético regional nos apresenta o cotidiano pantaneiro, suas belezas, desafios e aventuras de um menino estudante do Pantanal.

Marlin Balbuena Bremm – Nasceu em Anastácio-MS, campo grandense de coração, é Administradora de empresa, escritora, declamadora e poetisa. Premiada pelo “concurso de contos Ulisses Serra” na categoria contos, pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Como incentivo do Fundo de Investimentos Culturais (FIC) da Fundação de Cultura do governo do Estado, a obra para infância, *A eterna magia das fábulas* (2013), a escritora tem como pano de fundo de suas histórias, os causos e tradições do Estado de Mato Grosso do Sul. Literatura de séculos, as fábulas, reúnem ensinamentos em histórias, a obra é enriquecida pelos animais do habitat pantaneiro, além das morais inerentes das fábulas.

Marlene Mourão - Poeta, artista plástica, serigrafista, escritora premiada em tema de um projeto audiovisual, uma grande artista reconhecida pelos traços de bico-de-pena. Nascida em Coxim, é moradora de Corumbá há 50 décadas. “Peninha”, como é conhecida, é uma artista cujos talento e voz fortes ecoam inevitavelmente em defesa das belezas da natureza e da humanidade. Uma das obras da eclética artista, um livro infantil, *Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai* (2002), onde o enredo e a ilustração, da artista, encantam crianças e adultos. Um livro que faz parte do rol de obras que compõem o universo da literaturainfantil em Mato Grosso do Sul.

Raquel Naveira - nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. É professora, escritora e crítica literária. Mestre em Comunicação e Letras, Doutora em Língua e Literatura Francesa. Docente de Literaturas Brasileira, Latina e Portuguesa. Publicou muitos livros

nos gêneros poesia, ensaio, crônica, romance e infantojuvenil. Ao longo de sua carreira literária tem emplacado premiações. Prêmio “Jacaré de prata” - melhor poeta do ano (1991), Prêmio “Escriba” de poesia SP (1994). 1º lugar no Concurso Nacional de Poesia e Prosa Zumbi 1995 (Salvador – BA). Prêmio de poesia “Henriqueta Lisboa” 2000 (Academia Mineira de Letras – MG). Escreve para várias revistas e jornais como Correio do Estado (MS), entre outros veículos de comunicação fora do Mato Grosso do Sul. Na categoria infantojuvenil apesar de menor volume literário publicou, *Pele de Jambo* (1996), *Guto 1 e os bichinhos* (2012), *Guto 2 e os Bichinhos* (2012) e *No mundo encantado de Luciana* (2022).

Rosemari Gindri - Membro da UBE e da Academia Feminina de MS (AFLAMS), com a cadeira 07. Nascida em Santiago/RS e residente no estado desde 1975. Professora, psicóloga e escritora. Psicoterapeuta, com público predominantemente feminino. Lançou mais de oito obras, tanto na área da Psicologia como romances e livros infantis. Entre os quais destaques para *Bela Adormecida*, *Mulher Adormecida*, *Morte, Vida e Sonhos*, *Não Era o Momento Certo*, que apresenta os dilemas e desafios da gravidez na adolescência, *O dia que os animais venceram* (2013), dentre outros títulos.

Rosanne Dichoff Kasai – Escritora natural de Corumbá/MS pedagoga especialista em Metodologia de Ensino e Educação, fez parte de um grupo de pesquisa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde o homem pantaneiro era o centro de suas pesquisas em psicologia educação. Influenciada por suas pesquisas nasceram os livros, *Rodrigo baguá, o menino pantaneiro* (2022) e *Rodrigo baguá e as lendas do Pantanal* (2023).

Ronaldo Rodrigues Moises – Professor, na rede de ensino de Mato Grosso do Sul, especialista em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, e Pedagogia Crítica da Educação Física. É Mestre e doutor em Educação, técnico do laboratório de acessibilidade e inclusão da UEMS, em Campo Grande. *A família Colorê* (2022) pela editora UEMS com ilustração Carmelina da Silva R. Moisés, conta a história de uma família colorida que é surpreendida com a chegada de um novo membro: uma menina azul. A veia do autor na inclusão, oportunizou ao livro de literatura infantil um enredo rico e atraente, que dialoga com as crianças dentro do seu universo infantil.

Ruth Hellmam – uma mulher idealista que dedicou sua vida à literatura e realizou trabalhos incansáveis na rede pública de ensino de Mato Grosso do Sul. Pioneira, a escritora foi a primeira a promover integração com a cultura indígena, e diversas obras em edições bilíngues ou trilíngues, em português, guarani e espanhol, buscavam se comunicar com todos os povos e etnias da nossa região. Lançou seu primeiro livro em 1990. Deixou mais

22 obras, entre elas *Upa-Upa*, livro trilingue (português, Guarani e espanhol), que em 2015 lhe rendeu o Prêmio Marçal de Souza Tupã'Y da Câmara Municipal de Dourados, *Angol no sítio* (2016), *Ande nas vogais* (2014), *Pão e poesia*, *Fitas no Formigueiro*, publicou cordéis, que lhe renderam prestígio e premiações em nível nacional. Recebeu da Câmara Municipal de Dourados uma importante homenagem póstuma, dando nome à unidade escolar "CEIM Ruth HellmannClaudino", homenagem válida diante do grande legado literário que a autora deixou.

Sandra Andrade – nasceu em Bandeirantes MS é contadora de histórias, filósofa e poetisa *Mato Grosso do Sul, em frente e verso, em prosa e poesia* (2012) ilustrado por Lelo, *Campo Grande cidade morena* (2012), coletânea de livros *Histórias para boi dormir*, *A menina que virava onça* 2ºed (2014), *Joaninha joaneta e o boi Humberto* 2º ed. (2014) uma brincadeira com a cultura sul-mato-grossense de Manoel de Barros e o artista plástico Humberto Espíndola, *João e o Dragão* nasce da sensibilidade da autora em seu convívio com deficientes visuais do Ismac Instituto Sul-mato-grossense para Cegos Florivaldo Vargas, a obra além da escrita no objeto livro foi gravado em áudio para atender os deficientes visuais. *Onde há fumaça há fogo*, inspirado em provérbios populares, *Tata Mandua e seus filhotes*, *Dilim, o peixe que desmaiava*, *Dilim II, o peixe que desmaiava, a continuação*. as obras receberam incentivo do FIC (Fundo de Investimento Cultural).

Sylvia Odinei Cesco – Presidente da gestão 2020 -2022 União Brasileira de Escritores UBE/MS a campo-grandense graduada em letras e pedagogia, especialista em Roteiro de rádio e TV e psicopedagoga, teve sua vida dedicada à educação. Amante da música viu suas poesias tornarem letras musicais por cantores do nosso Estado. Premiada em concursos de poesias, entre suas diversas obras como, *Guavira Virou* (2011), *Mulher do Mato* (2013) etc., a escritora é mais uma que se aventurou no gênero infantil. Na literatura infantojuvenil publicou *Histórias de Dona Menina* (2014) um conto de fadas moderno e muito simbólico

Tânia Souza - nasceu em Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Professora poetisa, contadora de história, escreve contos e crônicas. Autora das coletâneas *De(s)amores e outras ternurinhas* (2016) e *Estranhas Delicadezas* (2017) onde reúne poemas e contos ligados ao universo feminino. Escreveu também *Bichinho da horta* e *Um gato no jardim* publicados em 2018. Coautora em algumas obras, como *Poesias sombrias*, *Contos sombrios de Natal* (e-book). Uma curiosidade da autora é seu gosto pelas contações de histórias tristes ou estranhas. O trabalho de pesquisar tantos autores aqui citados, foi um grande desafio, os

veículos de imprensa digitais como jornais e revistas eletrônicas² contribuíram sobremaneira para melhor conhecermos. Discorrer sobre as trajetórias de tais autores no campo literário do gênero infantojuvenil foi uma tarefa árdua, de garimpo, de boca a boca, de visita aos próprios escritores, para aquisição da obra, e só assim, então, conseguir mais informações. Nesse sentido algumas biografias foram retiradas de seus próprios livros, os quais faremos uma breve apresentação na próxima e última parte desta pesquisa.

5. APRESENTAÇÕES DAS OBRAS

Neste espaço, nos propomos apresentar uma seleção de obras de literatura infantojuvenil, expondo um recorte temporal de mais ou menos 20 anos a contar dos dias atuais suas retrospectivas. Não temos em vista alcançar a totalidade dos fenômenos escritos no campo literário, mas sim refletir as manifestações mais expressivas dentro de um processo de apreço e valorização. Assim, observar as composições e elementos gráficos nos planos de escrita possibilitara consciências de arranjos possíveis, a qual iremos abordar aqui sob as perspectivas do autor, pesquisador Luís Camargo que discorre a respeito do livro infantil.

Projeto gráfico é de qualquer impresso: cartaz, embalagem, folheto, revista etc. No caso do livro, o projeto gráfico abrange: formato, número de páginas, tipo de papel, tipo e tamanho de letras, manchas (a parte impressa das páginas, por oposição às margens), diagramação (distribuição de texto e ilustração), encadernação (capa dura, brochura etc.), o tipo de impressão (tipografia, offset etc.), números de cores de impressão. (CAMARGO, 19.95, p. 16).

Camargo, continua apontando, ainda que um livro não tenha imagens sempre terá um projeto gráfico que o habita. Diante de tais abordagens, a pesquisa buscara apresentar uma literatura que versa, narra e ficcionaliza sobre inúmeros temas, porém, por ser uma verificação que recorta a regionalidade Sul-mato-grossense em muitas obras o tradicional e o regional habitara tal narrativa por completo, em outras explora apenas o cenário, no

² Episódio de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkuecVzaVeE> Acesso em: 22 de agosto de 2023.

Matéria de março de 2019. Disponível em: <https://www.msemfoco.com.br/noticias/cultura/morre-ruth-hellmann-fundadora-da-academia-douradense-de-letras/183253/> Acesso em 22 de junho de 2023.

Matéria de julho de 2014. Disponível em: <https://acletrasms.org.br/wp-content/uploads/2020/01/ASL-SUPLEMENTO-CULTURAL-14-07-26.pdf> Acesso em: 20 de ago. de 2023.

Matéria de julho de 2023. Disponível em: <https://noticiasdopantanal.com.br/2023/07/23/15966/>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

Matéria de 2023. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2023> . Acesso em: 22 de junho de 2024.

entanto, sobretudo, encontra-se também, as que constroem temáticas universais fora do lócus mais comum.

Daqui por diante visualizaremos tais obras sob perspectiva de Camargo e algumas possibilidades de diálogo com outros autores que tem a literatura infantojuvenil como objeto de pesquisa. Faz-se necessário lembrar que não estamos tratando de uma análise investigativa quanto a boa à má obra literária, o desejo é tão somente, apresentá-las, por esse motivo, tais obras estão em sequência segundo suas datas de publicações, dentro desse recorte já citado de 20 anos de produção literária.

5.1 *Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai* (2002)

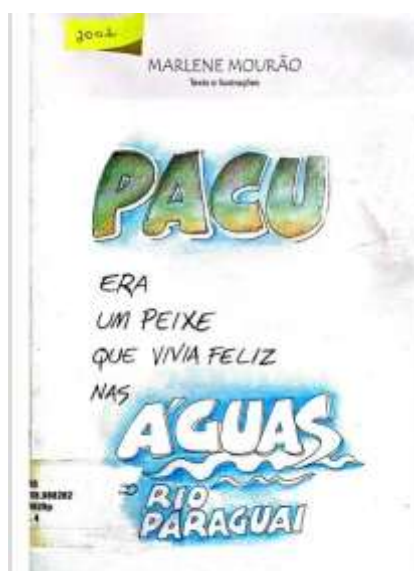


Figura 1 - *Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do rio Paraguai* (Capa)

Obra foi escrita e ilustrada por Marlene Mourão, publicada pela UFMS, com apoio do governo Estado de Mato Grosso do Sul, Secretaria do Meio Ambiente, Cultura e Turismo e Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul. Marlene Mourão também conhecida como Peninha tem seus estilos de traços como uma assinatura, sua arte é facilmente reconhecida. A obra destaca toda singularidade própria da artística, começando pelo título na capa, onde explorou três tipos de fontes e cores lúdicas com referências claras aos elementos citados.

Toda proposta do livro é ambientada pelo cenário regional, há rica informações a respeito do bioma pantaneiro, mas o protagonista da obra é o Pacu, ele é o próprio elemento mágico da história, um peixe cheio de questionamentos que conversa com homens. Temos uma criativa e filosófica história de quando um peixe pacu se torna revolucionário e muda a história dos peixes ao seu redor. Com grande sensibilidade ao tema a autora discorre sobre

a realidade, por vezes cruel e desnecessária da ação humana.



Figura 2 - Textos com tipografia irregular

Por vezes, o texto é a própria ilustração, uma tipografia nem um pouco linear, cheia de balões, letras com linhas irregulares trazendo um estilo divertido, porém sofisticado nessa relação palavra e imagem. As letras grandes e preenchidas dão um aspecto lúdico para essa fonte, o leitor se perde no que é ilustração e o que texto. A escrita sai do óbvio e brinca com diversos elementos, como as formas desordenadas dando ideia de leves ondas e cores vibrantes, mais fiel ao objeto do que as palhetas de cores, tudo muito possível ao universo lúdico infantil. Na imagem a seguir, a fonte imita os movimentos da caligrafia, toda obra é carregada por formatos de escrita inusitados, característico da autora e artista plástica da obra, que tem por estilo figuras com traços delicados desenhados pelo bico de pena, técnica comum da artista. O estilo preferido da artista é pouco comum nas obras infantis, o que enriquece o espaço do gênero, “O uso de técnicas diferentes enriquece o universo visual da criança, estimula sua percepção, sua apreciação estética e sua própria criação plástica.” (CAMARGO 1995, p.52)

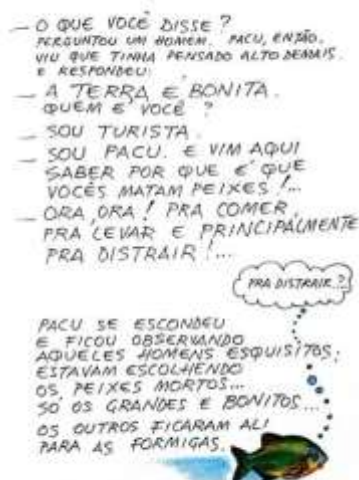


Figura 3 - Tipografia semelhante a caligrafia

A obra é como uma iguaria regional abordando e reivindicando reflexões sobre o significado mais profundo da vida cotidiana.

5.2 *Tiquinho do pantanal* (2008)



Figura 4 - *Tiquinho do Pantanal* (Capa)

A obra, *Tiquinho do Pantanal*, da autora e ilustradora Marcela Lemos Monteiro é um lindo encontro de mídias onde a autora apresenta a literatura e a arte plástica em comum diálogo. O livro é composto por 40 páginas, lançado em 2008 como segunda edição, conta com páginas de créditos, dedicatória, nota da autora e um glossário pantaneiro ao final do livro. Na folha de rosto além do título e o nome da autora, a mesma imagem da capa perde

suas cores vivas, em toda página apenas as cores preto, branco e laranja compõem o espaço. A mesma cor laranja atravessa toda a obra, corre como uma faixa na parte inferior da obra, já na parte superior a faixa apresenta um tom mais fraco do amarelo, tal faixa é quase um enquadramento em cada folha do livro e suas cores quentes aludem ao ambiente quente pantaneiro.

A autora surpreende o leitor com o título, pois em primeiro momento imagina-se Tiquinho não como um menino, mas como espaço onde acontece a narrativa, no entanto, Tiquinho é o personagem principal da história. Todo projeto gráfico da capa contribui para tal compreensão, visto que, a imagem do menino se expressa de maneira a apresentar o lugar. Não temos como perceber que a palavra Tiquinho é um personagem, ou de fato, quer apresentar um pouquinho do Pantanal, o lugar onde vive e conhece muito bem, apenas ao decorrer da leitura o leitor percebe que Tiquinho se trata de um garoto aventureiro que na verdade se chama Átila.



Figura 5 - Página 35 do livro "Tiquinho do Pantanal", onde autor inicia com um "M" grande em relação ao texto.

Tiquinho é desses meninos guapos, um pantaneiro vivendo aventuras e travessuras nas terras alagadas do pantanal, principalmente quando está a caminho da escola, que segue com Seriema, seu cavalo de estimação. Narrado em primeira pessoa, o enredo da obra tem como cenário o interior no pantanal e suas especificidades. Através das narrativas de Tiquinho imaginamos as muitas belezas de toda fauna e flora da maior planície alagada da terra. O leitor fica diante de toda rotina do homem pantaneiro em seu manejo diário com os animais e a terra. Na ilustração encontramos os traços da autora, também artista plástica. A cada página, temos a continuidade da narrativa dividindo espaço com uma ou mais obras recortadas e bem-dispostas.

No total estão dispostas no livro 53 telas assinadas pela autora, além de ocuparem todas as páginas sem espaço preestabelecido apresentam-se em vários formatos, sempre conversando com o texto.

5.3 *Cada um é de um jeito, cada jeito é de um!* (2012)



Figura 6 - *Cada um é do seu jeito, cada jeito é de um!* (Capa).

Da autora Lucimar Rosa Dias, editada pela Alvorada e ilustrada por Sandra Beatriz Lavandeira, a obra tem um enredo divertido, protagonizado por uma menina negra extrovertida vivendo as delícias e descobertas de fazer parte de uma família com características bem diferentes e distintas uns dos outros. Launda é uma criança feliz, cheia de autoestima vivenciando grandes aventuras e traquinagens.

Seu título é um convite à narrativa, pois logo percebemos que se trata de um enredo claro, a respeito dos muitos jeitos de cada um. Na ilustração da capa temos uma perspectiva feliz da personagem, o que nos leva, diante do enredo, por intuição, entender que está muito bem com seu jeito.

O arranjo e a disposição de algumas palavras na obra pressupõem uma brincadeira, a palavra “DEGRAUS” tem um formato de fato de degraus, a vogal “O” da palavra bola quica pelo livro, o “T” da palavra alto, adjetivo do papai sobressai toda palavra que já está em caixa alta.



Figura 7 -a palavra brinca refere-se a brincadeira de esconder

A palavra “brincar” de esconde-esconde metade não aparece, o que faz uma referênciadireta ao sentido da brincadeira. O livro está cheio deste brincar com as palavras, o que o torna lúdico, divertido e atraente sob a perspectiva do universo infantil.

A autora foge do clichê do era uma vez no início da história, apesar disso o narrador é fortemente presente em todo enredo, ele aparece a cada proposição “de” acompanhada de um verbo o qual conta os gostos da personagem. O narrador inicia apresentando a menina logo na primeira página da história e continua discorrendo a respeito das suas características e as características de sua família.

A personagem Luanda em nem um momento aparece como narradora, tem sua fala marcada nos chamamentos dos seus familiares, de todo modo isso não seria um problema, no entanto, conforme Hunte (2010) é preciso atentar-se no que diz respeito aos perigos do autor/narrador exceder no controle narrativo para não cair na familiaridade do paternalismo literário bastante comum na literatura infantil e juvenil.



Figura 8 - Avó materna da Luanda

A obra de Lucimar Rosa tem por temática central questões da diversidade familiar e racial, observado na imagem acima, a vó é alta e aprecia rock, já o restante da família possui características e gostos bem distintos uns dos outros, essas temáticas são comuns em seus textos.



Figura 9 - Características da Luanda.

Cada um é de um jeito, cada jeito é de um, tem como, para além da sensibilidade e da reflexão sobre identidade, respeito e autoestima em seu enredo, o texto tem caráter estético, criativo, intelectual e prazeroso.

5.4 A filosofia da bola (2013)

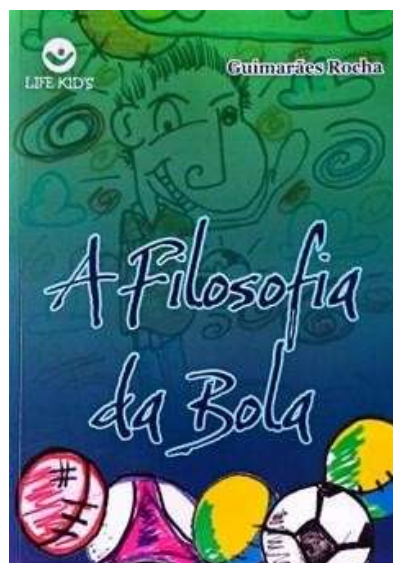


Figura 10 - A Filosofia da Bola (capa)

Um livro que valoriza a nossa cultura futebolística, publicado em 2023 pela editora LifeKids, Guimarães Rocha e seus personagens Birunga e Brasuca vão filosofar as histórias e glórias das copas do mundo. Ilustrado por Guto Nogueira, sua composição gráfica apresenta um livro infantojuvenil com 71 páginas no tamanho 19X26cm, capa brochura, com apresentação do jornalista Gutemberg Honorato de Moura, dedicatória e agradecimentos do autor e um extenso currículo do Guimarães. Uma curiosidade é a assinatura e o nome do autor na parte superior de todas as páginas.

A Filosofia da Bola, por meios dos seus personagens Birunga, a brasileiríssima bola de futebol Brasuca e o Andarilho da Poesia estabelecem uma longa conversa com o leitor, dialogando, a respeito das mais memoráveis conquistas brasileiras no universo das Copas do Mundo, e não apenas, Brasuca, a quem o autor atribuiu a façanha do pensar e falar, também discorrem sobre suas histórias como bola, suas dores e alegria, em um pacto ficcional através de seus poemas. O autor explora a temática das Copas do Mundo de futebol para nos levar a pensar a respeito de nossas humanizações, o texto hora em prosa hora em poemas costura a beleza da arte futebolística e o bem viver dos seus apreciadores. Tece críticas quanto ao gênero absolutamente masculino no ambiente, mostrando que apesar disso as mulheres vêm ganhando seus espaços com referências como Marta e Pretinha da seleção feminina de futebol.

O livro é uma viagem no tempo com muitas informações em torno do futebol, as imagens por Guto Nogueira, verdadeiramente coroa a bola de futebol com traços no estilo grafiteiro ela rola de fato pelas páginas, mostrando seus muitos estilos e cores até chegar no que temos hoje como modelo oficial de bola. As ilustrações no estilo grafiteiro utiliza canetinha, em uma palheta de cores vivas e alegres próximo ao sentimento do torcedor.



Figura 11 - Ilustração do livro "A Filosofia da Bola" correspondente a desenhos feitos com canetinha.



Figura 12 - Ilustração do livro "A Filosofia da Bola" correspondente a desenhos feitos com canetinha.

A imagética da obra faz uma menção de fato aos tempos de Copa, onde a torcida busca mostrar seu afeto e apoio a seleção, colorindo seus muros e paredes, demonstrando toda euforia do torcedor, uma prática muito cultural do nosso povo brasileiro que é totalmente ficcionado por futebol. Em resumo as imagens possuem um efeito de estética popular que identifica esse grande evento de paixão nacional que é o futebol

5.5 As aventuras de Catií Um quati aventureiro (2012)

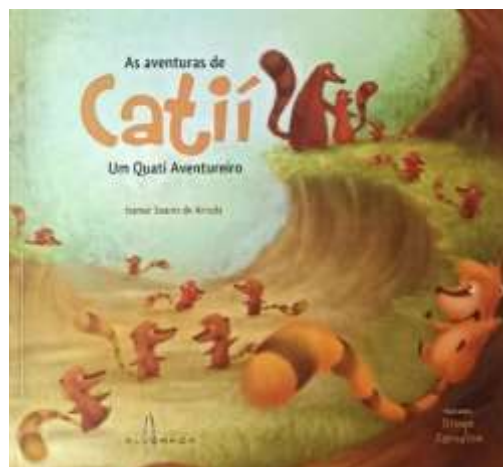


Figura 13 - As aventuras de Catií: Um Quati Aventureiro (capa)

Escrito por Itamar Soares de Almeida, publicada pela editora Alvorada em 2012, seu título nominal segundo Nikolajeva e Scott (2011) se trata de um dispositivo didático,

entrega informações direta da narrativa. A capa é um anúncio das aventuras que vem ao virar das páginas. Todo projeto gráfico é distribuído em suas 31 páginas costurado em brochura. Os textos atravessam todo o livro, hora no espaço superior outra no inferior por vezes as duas posições se encontram na mesma página.

Professor de português, o autor explorou muitos recursos linguísticos a fim de aproximar do seu leitor o máximo possível. Entre seus recursos, a repetição, o que proporciona ao livro um ritmo sonoro muito presente em literaturas para as crianças pequenas, as figuras de linguagens, como onomatopeias, presente no texto, promovem uma leitura alegre e cômica. Outro recurso explorado no texto são as características dos personagens em seus próprios nomes, como a mãe de Catií, Dona Quatoa-Sempre-Mãe-Muito-Mãe e seu pai, Senhor Cati- Sempre-Pai-Muito-Pai.

A obra é lúdica divertida e cheia de brincadeiras com as palavras. Conta a respeito de um quati travesso, esperto e cheio de boas intenções apesar das trapalhadas. Todo enredo gira em torno da rotina de uma divertida família de quatis e as encrencas do personagem principal que teima em inventar mentiras para se divertir, no entanto aprende a duras penas uma lição, ou quase aprende.



Figura 14 - página 20 e 21 do livro: "As aventuras de Catií: Um Quati Aventureiro", um exemplo da linguagem visual do livro.

A obra se faz notar por sua estética ilustrativa, uma das funções da ilustração segundo Camargo (1995) em que a "imagem chama a atenção para maneira como foi realizada, para linguagem visual." Observa-se na imagem acima, o interior da floresta, seus aspectos escurose sombrio, o qual apresenta ao leitor uma linguagem visual, constituída como uma prática de significante, específica, clara desse interior mata adentro, uma prática de produção de sentido. O leitor ao depara com o cenário onde o Catií é encontrado por seu padrinho logo compreende os perigos que o pequeno quati estava correndo caso não fosse encontrado.

Não há enquadramento do cenário, as imagens invadem praticamente as todas as páginas duplas. Observa-se variações na luminosidade entre o claro e o escuro das sombras que se vê na floresta densa e no momento de soneca dos quatis. Os traços suaves do ilustrador Diogo Carneiro, reforçaram a magia da aquarela em um diálogo coerente e rico com todo o enredo.

5.6 *Chico o menino pantaneiro* (2012)

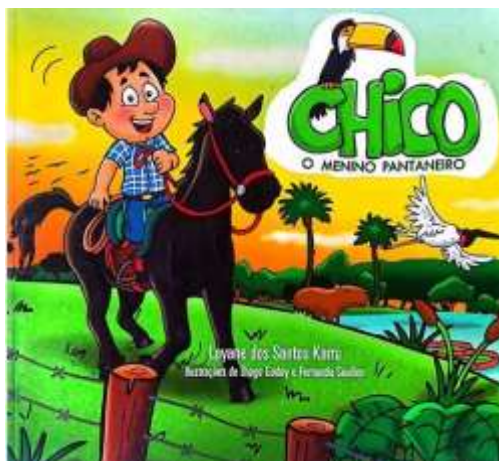


Figura 15 - *Chico: O menino Pantaneiro* (capa)

Aventuras e diversões é o que Chico o protagonista dessa história vivencia no meio do Pantanal com seus amigos, uma obra da autora Layane do Santos Karrú, pela editora IACBEAS, publicada em 2012, ilustrada pela Fernanda Suellen e Diego Godoy.

Chico o menino pantaneiro é um título segundo Nikolajeva e Scott (2011) do tipo padrão comum e tradicional onde o protagonista é combinado com um epíteto, ou seja, o protagonista é qualificado como pantaneiro. “[...] os títulos de livros ilustrados são uma parte muito importante da interação texto-imagem e contribuem para todos os tipos de interação que observamos dentro dos próprios livros.” (NIKOLAJEVA E SCOTT, 2011, p. 312). A tipografia do título também é uma extensão imagética das ilustrações da capa, onde o pantanal com todos os elementos povoa todos os espaços com cores quentes, tipicamente pantaneiro, e os verdes das matas.

Temos uma delimitação de espaço onde acontece a história, trata-se de uma fazenda no coração do Pantanal, o regional permeia em todo enredo atravessa a narrativa aventureira dos garotos Chico, Luís e Fabiano o menino da cidade que se espanta com tantos costumes diferentes. A linguagem do texto é coloquial, acessível ao leitor, ainda que apresente um dialético regional do homem pantaneiro.



Figura 16 - Cavalgada no pantanal.

A imagética da obra é riquíssima em cores e detalhes referentes ao bioma pantaneiro, toda sua diversidade e costumes, são imagens fiel ao texto, distribuídas nas páginas ímpares dispostas em um espaço de circunferência.

Ao final do livro temos atividades sugeridas, uma proposta pedagógica dentro dos componentes curriculares escolar.

5.7 *Guto 1 E os bichinhos* (2012)

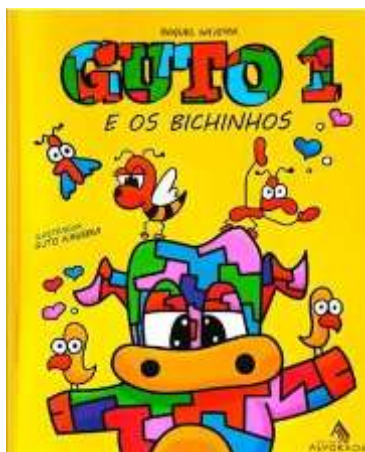


Figura 17 - *Guto e os bichinhos 1* (capa)

Guto 1 é uma obra da professora Raquel Naveira, publicado em 2012 pela editora Alvorada, ilustrado por Guto Naveira, filho da autora, a deixa claro se tratar de um livro a respeito da infância de seu filho, ou seja, o próprio ilustrador.

O título e a capa convergem em cores, a tipografia do título reforça a mensagem do mundo colorido do personagem que está por vir, a capa também reflete a ideia das muitas cores encontradas no interior da obra, dando sensação de uma infância feliz, junto aos bichinhos, o que pode ser observado com clareza nos traços e cores das imagens dos animais

da capa. Ao folhear a obra temos a sensação de estar em um parque de diversão da primeira infância, tamanha explosão de alegria em cores.

A prosa e a poesia da obra fazem fusão com o colorido das ilustrações, sua narrativa tece o mundo do Guto e sua infância, cheia de animais, surpresas e muitas curiosidades. Guto em sua casa branca de janelas grande e um jardim florido explora tudo desde os pequeninos animais como formigas até os cangurus de seu livro e isso não é o fim “amanhã conto mais paravocês. A aventura de Guto continua...” são as últimas palavras da obra, se relacionarmos ao título, obviamente espera-se o Guto 2.

A autora explora as palavras, ao narrar o dia a dia do pequeno Guto e seu irmão Taio, pós introdução com apresentações do personagem principal e o cenário onde cresce, vem o convite para os leitores acompanharem as muitas descobertas do menino, daí por diante, cada animal aparece como um capítulo, um a um. Assim, junto com o personagem o leitor descobre de maneira lúdica algumas características e curiosidades de cada animal. O urubu é encontrada na cartilha das vogais A, E, I, O Urubu e os meninos riem. O texto poético usa o artifício da rima para cativar as crianças leitoras que se interessam pelas brincadeiras ritmadas e trava-línguas. A obra em suas 60 páginas promove um encontro estético unilateral com seus leitores, toda sua composição gráfica e suas relações favorece os encontros individuais que cada leitor tem com sua leitura, o que de fato é complexo, abrangente e holística a cada experiência. Como afirma o pesquisador a respeito dessa relação.

Acredito que o mais importante na literatura infantil seja a interação singular de um texto com a criança singular em uma situação singular: esta é sempre diferente, sempre complexa e sempre produz um conhecimento que não pode ser generalizado (HUNT, 2010, p. 270).

O caráter da ilustração aqui foge do óbvio, é de uma natureza estética que convida as crianças a permanecerem por mais tempo, além do tempo dedicado ao texto, ela também pode criar sua própria narrativa nos meandros das imagens que possuem traços e formas eloquentes



Figura 18 - Ilustração do livro *Guto e os bichinhos 1*. Página 16 e 17.

Apesar de não explorar as questões lócus regionais e todas suas especificidades, o tradicional ao que se refere ao cotidiano familiar permeia a obra, demonstrando uma escrita bastante intimista e memorialista de seus autores Sul-mato-grossense com o fazer literário.

5.8 O *Planeta dos Carecas* (2012)

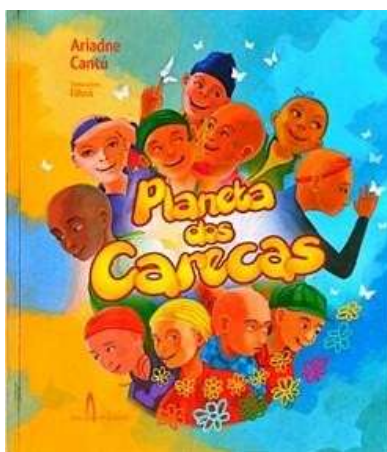


Figura 19 - *Planeta dos Carecas* (capa)

O livro *O planeta dos carecas* foi lançado pela editora Alvorada em 2012 escrito pela promotora Ariadne Cantú ilustrado por Edusá. Nesta obra, a autora e ilustradora, traz em seu título e capa um espaço esclarecedor que nos permite uma interpretação a respeito do seu enredo. Adolescentes felizes contornam a título escritos com letras em tom amarelo com bordas laranjas, toda capa sugere um planeta feliz, coletivo, aparentemente iguais.

A obra possui no total de 35 páginas, agradecimentos, formato em brochura e costura. Seus espaços são divididos entre texto e imagens, típico das obras Sul-Mato-Grossense, apesarde afastar-se do regionalismo optando por uma temática exclusivamente universal.

Ao mesmo tempo em que se propõe a falar com realismo da realidade perene, a narrativada obra utiliza as fontes do fantástico e do imaginário para abordar a temática do enredo, cujo, a narrativa é centrada em encarar os problemas, abordando o leitor com delicadeza aos dissabores que a vida traz.

Na obra, Bianca e seus colegas só conheciam um menino com cabelo, o Ricardo, o quea princípio causou grande estranhamento a todos. O enredo da obra apesar de bem-humorado, demonstra o drama da doença cancerígena e os desafios. encontrados pelos jovens

diante do diferente. O leitor é convidado a refletir diante do oposto, superar preconceitos demonstrando empatia e solidariedade com o outro. Afinal, “por dentro somos todos semelhantes, que alma não tem cabelo, e que para Deus somos todos iguais.” (CANTU, 2012, p. 34). Essas são as últimas palavras da obra, evidenciando que o preconceito ao desconhecido tende apenas a piorar os relacionamentos, em especial a vítima.

A ilustradora optou pelos tons em aquarela, com cores suaves, expressando toda sensibilidade da temática, Edusá em cada página explorou todos os espaços com ilustrações grandes dividindo-as apenas com pequenos textos em cores, conversando com todo restante das imagens, fugindo do comum das letras em cores pretas. Toda imagética é marcada por fortes expressões dos seus personagens, tornando-a, clara quanto a função expressiva/ética da ilustração. Ou seja, “A ilustração expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais das personagens e dos próprios elementos plásticos, como linha, cor, espaço, luz etc.” (CAMARGO, 1995, p. 36). Nesse viés, “[...] podemos ter alusão visual mediante a combinação de formas e cores simbólicas de angústia e prazer.” (HUNT, 2010, p. 246).

Podemos observar aqui, tal expressividade nas cores e luminosidade do espaço, em um vazio profundo e desesperançoso. Este é o cenário onde se encontra o personagem principal, caminhando no meio do nada, tomado pelos tons azuis, inclusive onde pisa, deixando seu tom de tristeza, assim como, sua postura e face, também demonstram uma profunda dor. Desta maneira, a ilustradora interpreta nos espaços esta função da ilustração conforme Camargo em congruência com Hunt sugere a respeito das imagens no livro infantil.



Figura 20 – protagonista triste por se diferente e estar doente

5.9 A eterna magia das fábulas (2013)

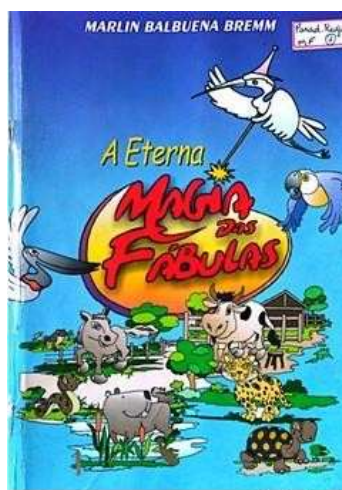


Figura 21 - A Eterna Magia Das Fábulas (capa)

Marlin Balbuena Bremm, tece em sua obra o universo mágico e criativo das fábulas, inspiradas principalmente no cotidiano lócus regional. Ilustrado por Reinaldo Rosa e Nivaldo Rodrigues Marques, entregam logo na capa que de fato o enredo das suas fabulas terão como inspiração os animais do pantanal e algumas pequenas visitas africanas. A obra teve incentivo Fundo de Investimentos Culturais de MS – FIC/MS, Fundação de cultura de Mato Grosso do Sul

A eterna magia das fábulas foi publicada pela editora Gibim em 2013, seu projeto gráfico foi pensado a partir da ambientação pantaneira e suas relações fauna e fábulas, o livro possui 80 páginas que dividem as histórias e as imagens como espelho, prefácio escrito por Rubenio Marcelo, índice com as 78 fábulas, um breve texto do escritor e jornalista Otacílio Monteiro, apresentação e dedicatória da autora. Uma obra caracteristicamente regional em formato canoa, 15x21cm, capa brochura, com orelhas tanto na primeira quanto na quarta capa onde encontra-se um texto de endosso do escritor Anísio Antônio Moreira.

Dentre as 78 fábulas encontra-se uma bem conhecida por todos, A lebre e a Tartaruga, e, apesar de, encontrarmos alguns textos com animais nativos de outro continente e das nossas fantasias a obra explora de fato a exuberância do pantanal.

Por se tratar de fábula, a autora inseriu a cada final de história uma moral, clara e específica. A linguagem é de fácil acesso, é lúdica, em alguns textos percebemos bem seu ritmo sonoro o que o torna divertido, as figuras de linguagem como onomatopeia, ironias metáforas e comparações permeiam os textos ocasionando um enriquecimento ao escrito.

As ilustrações mostram claramente os elementos pantaneiros que ambientam o livro,

ao observarmos encontraremos em quase todas as imagens o majestoso astro rei, típico dessas terras alagadas, o sol, e quando ele não está, as cores quentes dão a entender a sua presença. As cores da mata e suas águas também estão por toda parte, a ilustração é coerente e um tanto fiel ao texto com inúmeras imagens de animais ilustrando os comportamentos humanizados que caracterizam as fábulas.

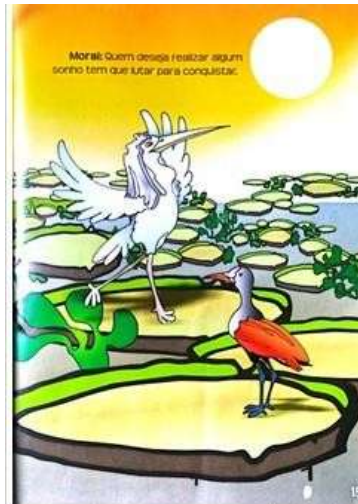


Figura 22 - Baía Pantaneira

5.10 *Caco* (2014)

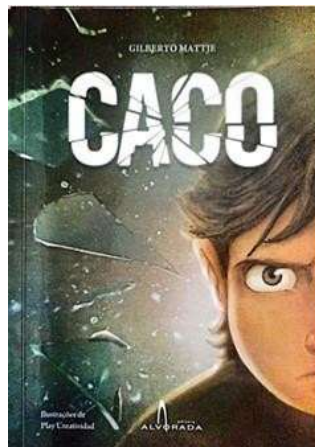


Figura 23 - *Caco* (capa)

Literatura juvenil, *Caco*, do autor Gilberto Mattje, foi publicado em 2014 pela editora Alvorada, com belíssimas ilustrações de Play Creatividad. De cunho complexo e profundo, o autor apresenta uma obra que discorre sobre universo de muitos adolescentes.

Ambientada na complexidade cotidiana da vida de um jovem ou uma jovem, ainda que suas experiências existenciais sejam outras, a obra percorre as nuances de um tempo de escolhas e buscas.

Ao observar a capa o leitor depara-se com um título ambíguo, o que podemos pensar em um título nominal, ou trata-se da vida em cacos, destruído. A tipografia do título reforça essa ambiguidade, pois a palavra Caco é como um espelho se quebrando, tornando-se cacos. O projeto gráfico explorou bastante essa tipografia, a qual encontramos em todos os 21 números capitular, no prefácio e na apresentação da obra.

Os vidros quebrados tomam conta de quase todos os espaços da primeira capa, também atravessam os limites da lombada do livro até a quarta capa, muitos cacos de vidro dividem espaço com a imagem de um menino de semblante triste e mal-humorado, as cores escuras na capa deixam tudo obscuro e sombrio típico de uma vida destruída em cacos.

O protagonista Caco, de fato leva uma vida destruída, ganha o apelido de seu pai ainda criança, pois era desastrado e quebrava tudo, crescer sem apoio de seus pais tornou sua vida ainda mais difícil, cheio de compulsões e incompreensões, mas ao encontrar compreensão em um adulto e ser amado por sua irmã o ajudam a dar um sentido para vida.

A narrativa do livro é fluida, utiliza linguagem acessível, por meio de diálogos simples entre os personagens. O enredo da obra convida o jovem a reflexão, é preciso buscar as escolhas assertivas em nossas vidas, discorre sobre a autopercepção sobre si e sobre o outro. Ao deparar-se com o texto o leitor tem a oportunidade de identificar-se com a história e encontrar respostas alívios, pois se sente seguro e compreendido nesse espaço de leitura, segundo Bettelheim (1980), isso lhe traz esperança.

“A criança que através da estória foi convidada a identificar-se com um dos seus protagonistas, não só recebe esperança, mas também lhe é dito que através do desenvolvimento de sua inteligência ela pode sair-se vitoriosa mesmo sobre um oponente muito mais forte.” (BETTELHEIM, 1980, p.55)



Figura 24 - Caco em uma crise

Cada capítulo apresenta uma imagem, que não estão necessariamente no início, todas

elas conversam com o texto harmonicamente, na imagem acima visualizamos o pesar do adolescente fragmentado nos cacos, assim, nas 126 páginas do livro contemplamos o texto e as imagens se complementando. O ilustrador demonstra em sua paleta de cores as nuances interpretativas do enredo, o que podemos observar pontualmente a partir da imagem 17, onde as cores começam a destoar do escuro inicial que apontava as crises existenciais do adolescente e passa a ser mais vibrante, bem no exato momento que a vida de Caco começa seu processo de reorganização interna.

5.11 *Histórias de Dona Menina* (2014)



Figura 25 - *Histórias de Dona Menina* (capa)

A obra *História da Dona Menina* (2014) da autora Sylvia Cesco ilustrada por Lyara Costa é um livro para todas as infâncias, até mesmo para as infâncias que existem apenas nas memórias. O título aponta uma dualidade, entre dona, e menina, como uma dupla narrativa ambígua, contudo a cor rosa na nomenclatura do título nos mostra uma meiga menina, a qual se tornara moça ao decorrer da história. Narrado pela própria autora é uma obra prima que revela toda capacidade de seu ofício. A capa apresenta D.Menina, com um olhar sensível, inserto e curioso, ao virar de página na primeira capa um pedacinho do texto esclarece esse olhar, convidando o leitor a adentrar com mais profundidade.

Todo enredo refere-se ao popular e ao regionalismo pantaneiro de Mato Grosso do Sul, cheio de neologismo como do poeta Manoel de Barros, “Começou a “caminadar” com pequenos passos imperceptíveis para não assustar as criaturinhas da água.” p.34. Trata-se de uma prosa poética, com muitas metáforas, “D. Menina aperta seu olhar de amêndoa”. Cesco discorreu seu texto nos limites de uma linguagem rebuscada, um leitor sem experiência ou mesmo o mediador de leitura precisaria de maturidade literária para perceber camadas

profundas nas abstrações, parênteses e aspas do texto.

A *História da Dona Menina* é marcada por sua reverência aos fenômenos naturais, observado no uso dos pronomes de tratamento – Dona Noite, D. Chuva, Senhor Dia, dentre outro. A autora Sylvia Cesco faz uso do simbolismo ao apresentar sua história de conto de fadas moderno “Era uma vez D. Menina que decidiu procurara D. Moça, aquela que um dia viria a ser” p. 14. O maravilhoso sobrenatural dos contos de fada, percorre todo texto fundindo ao realismo cotidiano da moça ansiando pela juventude. Assim, D. Menina envereda em seus sonhos estranhos, mas cheio de emoções e aventuras e de fato acorda D. Moça Tamanha obra, trata dos desafios da travessia humana, possui um viés na literatura psicológica ao aborda às complexidades da formação humana como nos épicos clássicos dos contos de fadas.

A abordagem imagética também tem sua voz, Camargo (1995) afirma ser a ilustração um espaço de muitas funções, sendo uma delas a função simbólica, quando representa uma ideia, é o caso dessa imagem, a qual a ilustradora representa a noite, simbolicamente. D. Noite faz alusão as noites pantaneiras exatamente como traduz a imagem, uma moça belíssima, de pele negra como a noite pantaneira, contudo surge no meio dos corixos misteriosa e sorrateira. Assim são as noites nesse ambiente, encantadoras, mas requer cuidados.



Figura 26 – Mulher representando a noite sorrateira do Pantanal

A ilustração dos pássaros que D. Menina pariu junto ao chão batido ou chão duro, termo regional, mostra toda simplicidade, criatividade e sensibilidade da imagem dialogando com o texto.



Figura 27 - Pássaros que a D. Menina pariu.

A ilustradora aborda um cuidado especial com as ilustrações, para além de sensíveis é filosófica e cheio da presença pantaneira. Enfim, Dona Menina virou Dona Moça e gostou muito de ter amadurecido, apenas não queria apagar as memórias de sua doce infância, mas estava ansiosa pela D. Juventude.

5.12 A menina que virava onça (2014)

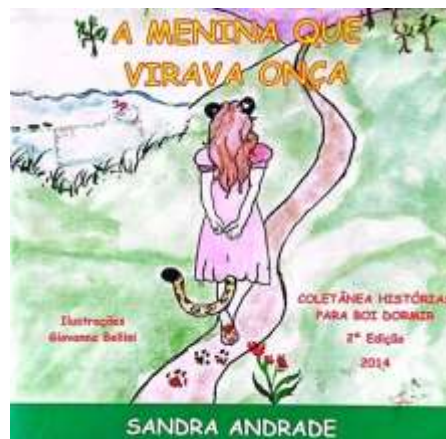


Figura 28 - A Menina Que Virava Onça (capa)

Publicado em 2014 pela editora Brasília, A menina que virava onça é da autoria de Sandra Andrade ilustrada por Giovanna Belline, aqui temos mais uma obra infantil com características regionais cantando a cor de nossa terra e toda especificidade de um pantanal Sul-mato-grossense. A obra teve incentivo Fundo de Investimentos Culturais de MS – FIC/MS, Fundação de cultura de Mato Grosso do Sul e faz parte de uma coletânea chamada Histórias para Boi dormir.

A obra poética tece a história da Gigi, uma menina nervosa que facilmente vira onça,

assim, por qualquer motivo a brava garotinha ganha a mata e vira bicho do mato. Sandra narra sua história em gênero poético, cheia de sonoridade e ritmo, enriquecida por personificação, rimas, metáforas, comparações, figuras de linguagem que permite ao jovem leitor divertir-se com o texto.

“A casa virou uma
doideira até quem
dormia
nua “lerdeira
certeira” a c o r d o
u:

Quem viu, quem viu
A lamparina sem pavio?”

Nas ilustrações Giovanna retrata o movimento pantaneiro, em suas retratações em tela a ilustradora optou por uma palheta de cores suaves com traços bem desenhados e artístico valorizando a estética da obra. As patinhas que correm o livro é um convite para o brincar, o lúdico inerente das crianças, toda imagética da obra conversa harmoniosamente com a narrativa.



Figura 29 - Gigi vira onça.

O livro infantil se constitui em um projeto gráfico dentro dos aspectos regional, com homenagens dedicatória e agradecimentos da autora, ainda conta um Américo Calheiros prefaciando a obra que possui 20 páginas, em formato canoa.

5.13 *KIKIO* (2015)

Figura 30 - *Kikio* (capa)

A obra *Kikio* foi lançada em 2015 pela editora Alvorada, escrita pelo músico Geraldo Espíndola e ilustrado por Wanick Correa e Alexandre Leone. Antes de se tornar literatura infantil *KIKIO* já era letra de música, cantada pelo próprio autor. O título e a capa trazem referências claras dos povos originários ao apresentar fortes traços, cores quentes e os elementos da natureza observado nos adornos do indígena, logo, tudo se constitui em um diálogo entre o texto escrito e a ilustração.

Não dá para pensar em construção de significado, ou leitura possível da obra sem pensar e observar o tripé constituído pelo projeto gráfico, imagem e palavra. Pensar em como se articulam e interagem em suas relações. Aqui é imprescindível os diálogos entre o discurso do texto e das imagens, suas independências e relações para a construção da narrativa. Na primeira imagem o leitor já se depara com os efeitos dos sentidos postos.



Figura 31 - *Nascimento de Kikio.*

O texto, quanto a imagem que preenche as duas páginas, e assim segue ao longo do livro, insinua Kikio como um feto no útero da mãe natureza, todos os elementos da imagem estão sugerindo que kikio sempre foi indígena desde o útero. Ao observar os riquíssimos traços ilustrativo não apenas dessas páginas, mas ao longo da narrativa compreende-se a recusa de Luís Camargo quanto a ilustração posta há anos por muitos estudiosos, essa função de ilustração como explicação ou ornamento “Daí a ideia que o papel da ilustração seja informar ou enfeitar. Mas serão apenas essas as funções da ilustração?” (CAMARGO, 1995, p. 30). Desse mesmo modo, a pesquisador Hunt (2010) corrobora e compartilha da mesma ideia ao afirmar que a ilustração altera o modo como lemos as obras, a colocando como parte da narrativa e não apenas como um ornamento.

Na cena a seguir, apesar de todo enredo ser constituído pela história de três figura masculina, Kikio, Tupi e Guarani, encontramos a figura feminina, e é nesse jogo de discurso entre palavra e a imagem que a obra, ainda que por uma vez, potencializa as força e grandeza da mulher. Estes tipos de diálogo entre imagem e texto atravessa toda obra.

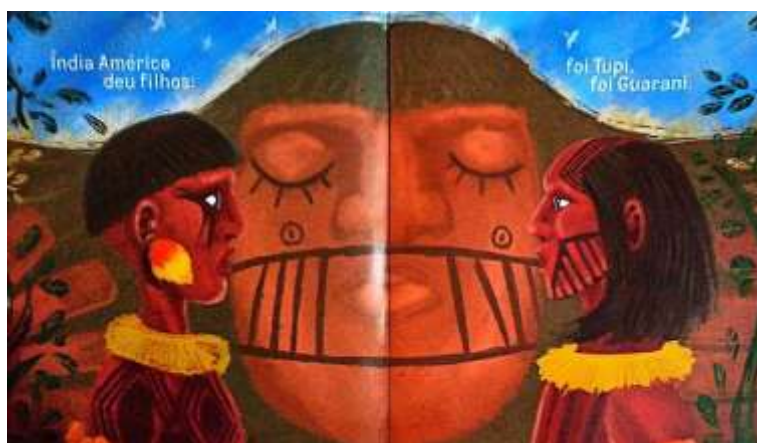


Figura 32 - Índia América e seus filhos.

O discurso imagético é tão forte que podemos identificar até a diversidade desses povos, ao observarmos as referências quanto ao cabelo e outras particularidades. O indígena da obra já não representa mais os da atualidade exceto os que vivem mais isolados, a obra discorre sobre uma memória discursiva do índio como ser exótico que ainda se pinta, se alimenta e veste com elementos da natureza.

Kikio é apresentado como ser mitológico, o criador, como um deus, a Índia América cumpre o papel de pai Tupi e Guarani, os caminhos dos dois irmãos, ainda que, separados têm a terra por sua mãe, e de vez em quando a mãe terra os une em um propósito. O autor e os ilustradores expõem as dores da entrada do homem branco em seus territórios,

retratam o desejo de Kikio em protegê-los “Kikio na lua cheia, quer Tupi quer Guarani.” sabe que os seus precisade proteção, sabe que tudo não é mais índio e lindo.



Figura 33 - kikio na lua cheia.

A obra escrita preservou absolutamente a letra da música, um projeto gráfico entrelaçado com as mídias digitais, pois, a obra traz consigo um CD com a gravação da música Kikiô e todo seus arranjos originais.

5.14 *Lilica a galinha árvore* (2017)



Figura 34 - Lilica, a galinha árvore

Publicado em 2017 pela editora Appostolos em uma tiragem de 750 exemplares a obra escrita por Carmem Lúcia e ilustrada por José Fernando é uma narrativa divertida e profunda. A obra é composta por 36 páginas, em brochura, 15x21cm, dedicatória, onde a

autora apresenta seu sobrinho, um menino de 7 anos como ilustrador, na quarta capa encontra-se informações a respeito do José Fernando e da autora.

Temos uma ilustração enquadrada na capa e logo percebemos as imagens como um desenho de criança, com cores, traços infantis e belo. O título nos fala de uma galinha chamada Lilica, no entanto o leitor vai precisar ler a obra para compreendê-la. O título não explica como uma galinha pode ser uma árvore o leitor precisa descobrir sozinho ou mediado por outro leitor. Seu título como afirma Nikolajeva e Scott (2011) é uma combinação comum de nome e epíteto, já visto em outra obra.



Figura 35 -árvore que representa a galinha Lilica

Narrada em primeira pessoa, a história tem um enredo poético e encantador, conta sobre a amizade e a trajetória de amadurecimento de uma menina e sua galinha. Carmem Lúcia descreve a galinha Lilica como a mais especial daquele quintal, onde havia muitos animais, a melhor amiga da garotinha, era um presente da avó, linda com penas douradas e branca, tinha seus alhos azulados como o céu. Juntas construíram um tempo de boas memórias, seu tempo de infância foi muito feliz próxima a Lilica, a qual lhe ensinou muitas coisas, inclusive sobre a partida.

A linguagem é bem acessível ao leitor autônomo usa metáforas e poesia, marca algumas frases e palavras com outras cores, apontando um movimento específico no momento de leitura, alguns balões correm pelo texto marcando narrativas pontuais. Dentro de todo projeto gráfico observamos uma brincadeira com a paginação, todas enumeradas

dentro de ovos. Já nas últimas páginas encontra-se um espaço de interação com o leitor onde cada criança poderá desenhar sua própria Lilica.



Figura 36 - Morte de Lilica.

Ainda que ilustrado por uma criança se trata de uma ilustração metafórica, não apenas pueril. Não é só uma galinha ou um animal de estimação, que fora embora, mas sim, hora de dar adeus a sua infância feliz junto a Lilica, momento de romper ciclos, guardá-los apenas na memória. A função metafórica da ilustração culmina nessa despedida, as lágrimas não representam apenas a dor da morte de um animal querido, há muitas mensagens nessa imagem. A imagética da obra por uma criança é rica de interpretação e diálogo com a narrativa, para além, as linhas traçadas e toda palheta de cores se identificam com o leitor mirim os aproximando.

5.15 Tuco, o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul (2017)



Figura 37 - Tuco, o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul (capa)

Escrito por Mara Calvis e Luciana Souza, ilustrado por Benes. Foi lançado em 2022 pela editora Vida Produções em sua segunda edição. Todo livro contém 30 páginas com dimensão 20x28, capa em brochura, grampeado e lombada canoa. Característico das obras regionais contém uma apresentação da obra e mensagens das autoras, nas últimas páginas as autoras dispuseram um espaço para interação do leitor com a obra e apresentam mais opções de livros de caráter Sul-Mato Grossense.

A obra tem como título uma chamada narrativa, como aponta Nikolajeva e Scott (2011), ao dizer que de maneira tradicional é bem ocorrente no gênero quando se busca resumir a história logo em seu título, dando a ideia direta de toda trama. Nas imagens da capa temos alguns tucanos em seu habitat natural, mas não sabemos quem é o protagonista bom de bico. O ilustrador optou por cores e traços um tanto realista sem perder a sensibilidade do desenho, traz para capa um espaço limpo e claro explorando o espaço abundante da capa.

Assim como o título o enredo marca bem o espaço da narrativa, se trata de uma floresta muito bonita em Mato Grosso do Sul e nosso personagem principal é uma ave filhote, comum no ambiente percorrido pelas autoras. Tuco é curioso, valente, bem-humorado e carrega um espírito explorador. Os bons conselhos de sua mãe a respeito da boa alimentação não foram suficientes, o desejo de Tuco era aventurar-se em novos sabores, com ajuda de sua amiguinha, um macaco-prego, embarcou em uma aventura gastronômica Sul-mato-grossense.

A ideia central da obra apresenta a gastronomia peculiar, abundante e cultural do

estado, mostrando o quanto somos um povo miscigenado. Apesar de pratos originais as influências gastronômicas fazem parte da história do Mato Grosso do Sul. Tuco experimenta desde o arroz carreteiro passando pelo sobá japonês, chipa e sopa paraguaia, os quibes e esfirras árabe não ficaram de fora. Obviamente que toda essa comilança não poderia dar certo, o jeito foi apelar para a sabedoria medicinal dos chás dos povos originários. Linguagem de fácil compreensão, mas denso nas informações o que é característico do livro paradidático.



Figura 38 - Tuco e sua amiga macaquinha.

Assim como na capa o miolo do livro traz uma ilustração clara, ocupando todo os espaços, as imagens seguem os passos do texto, cada página uma ilustração em alguns momentos o cenário é dividido de maneira transversal. Na imagem abaixo, além da separação do cenário o ilustrador ressalta em balão uma pequena parte dessa imagem, como se quisesse dar um zoom. As cores dialogam muito bem com todo o ambiente da narrativa.



Figura 39 zoom da conversa entre o indígena e o toucano. –

As aventuras gastronômicas de Tuco não saem como o esperado. No entanto, através das aventuras do pequeno tucano a obra nos apresenta a diversidade de povos e as riquezas dos sabores sul-mato-grossenses

5.16 *Bichinhos da horta* (2018)



Figura 40 - *Bichinhos da Horta* (capa)

O livro é de produção independente dentro do gênero poesia infantojuvenil, lançado em 2018 por Tânia Souza e ilustrado pelo artista digital William de Souza. Em brochura, formato canoa, contém 12 páginas sem marcação numérica. Na obra a autora traz um livro em formato pequeno 15x15, perfeito para as mãos pequenas das crianças. “Se a literatura é uma experiência total, não podemos ignorar o aspecto de sua materialidade”. (HUNT, 2010, p. 107), a obra foi pensada nessa relação de experiência física entre o livro, sua materialidade e o leitor.

O título na placa evoca uma marcação de território, “Horta”, mas aqui temos bichinhos o que o torna a capa e o título lúdico e esteticamente delicado. A obra é composta por cinco divertidos textos curtos, onde a sonoridade, o ritmo e os jogos de palavras dos poemas brincam com a linguagem, proporcionando rimas, aliteração e o mistério das adivinhas que toda criança gosta. Os poemas variam entre três e seis estrofes, escritos em caixa alta, diferente do título. Todos os poemas estão dispostos nas páginas a esquerda e as ilustrações a direita.



Figura 41 - Ilustração representando o Tatu-bolinha.

O tripé projeto gráfico, palavra e imagens, demonstra toda sensibilidade de sua composição diante do público a quem se destina a obra. A imagética em formato digital apresenta cenários que enriquece os textos, uma placa com título na capa introduz este diálogo entre texto e imagem. Ao decorrer da obra encontramos os tons das cores verdes típico das hortas atravessando todo livro, além dos bichinhos temos elementos como terra, chuva, as hortaliças rasteiras e a beleza noturna através da borboleta. Toda essa composição poética representa a beleza e saúde da terra, temática apreciada pela infância.

5.17 Ela é... (2020)



Figura 42 - Ela é... (capa)

Publicada 2020 pela editora artesanal AVA, a obra da autora Eva Vilma traz como temática central, abordagens sensíveis e atuais como as questões de gêneros. Ilustrado por Paulo Alaor, seu projeto gráfico foi pensado harmonicamente com todo conjunto da obra, convidando o leitor explorar camadas mais profundas sobre a temática.

A composição gráfica da obra apresenta um livro em formato paisagem, retangular horizontal, no tamanho 20X15cm, capa brochura, 34 páginas. A apresentação traz muitos

por quês e algumas reflexões em torno do tema central, observa-se que as apresentações nas obras infantis de Mato Grosso do Sul são bem comuns apesar da temática universal abordada aqui. Ao virar de página o livro já convida o seu leitor para interação, vamos lá, você pode ser o quequiser, ao ler o poema, a criança já pode escrever a lápis quem ela é, e precisa ser a lápis pois as garotas sempre podem mudar. O projeto gráfico ainda apostou na quarta capa, a qual se torna um outro livro acoplado a obra com cantigas de roda adaptadas, enriquecendo sua estética e ludicidade.

O título da obra *Ela é...* desperta curiosidade do leitor, ela é o que? A imagem também é curiosa e intrigante, afinal quem é a menina por trás do muro, a capa pensada por Lia Magalhães e Paulo Alaor abraça o título e atiça o interesse pela descoberta.

Todo enredo do texto contorna a força e as muitas possibilidades de gênero feminino, quebrando paradigmas e padrões embutidos e impostos cotidianamente a tempos. O termo “Era uma vez”, não se trata mais de uma princesinha, doce e meiga, “Era uma vez uma menina bem decidida, serelepe, arteira, insistente, e que sabia bem o que queria.” Narrada em terceira pessoa, a obra discorre as muitas peraltices de uma menina de pele escura como protagonista, e sim, é o oposto das muitas histórias de princesinhas que acostumamos ouvir. O texto tece uma forte crítica a respeito dos padrões impostos sobre as meninas desde seu nascimento, padrões que nunca fizeram parte da vida da protagonista, esta, apenas queria se divertir e ser feliz, suas cicatrizes do qual se orgulhavam eram provas disso.

A autora apostou em uma linguagem simples e cotidiana para encontrar seus leitores, as imagens dialogam e brincam com o texto. As muitas cores em giz os traços divertidos dos desenhos representam toda alegria e sonho dessa menina que deseja ser o que quisesse.



Figura 43

Nota-se, que, a imagem ganha espaço nessa produção literária, como um fator relevante na formação do leitor, tanto quanto o texto. Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011) consideram que as ilustrações no livro infantil não só refletem o estilo individual do artista e sua sensibilidade à história, mas também o estilo geral delas em determinado período, ideologia, intenções pedagógicas, visões da sociedade sobre certas questões (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011, p. 61).



Figura 44

De costume as tarefas domésticas são muito bem-marcadas, os papéis inversos ilustrados na imagem acima denotam esse olhar artístico atento e intencional do artista Paulo Alaor convidando o leitor a um novo olhar sobre os moldes sociais atuais, assim, tece sua crítica ideológica através das imagens.

5.18 *Quira, a corujinha da sorte* (2021)



Figura 45 - *Quira, a corujinha da sorte* (capa)

O livro infantojuvenil foi lançado em 2021 pela Editora da Autora, escrita por Maristela e ilustrada por Giselda. Contém 36 páginas divididas entre, ficha catalográfica,

biografias da autora e ilustradora, folha de rosto, dedicatória, textos e imagens, formato brochura, com grampos. O título da obra vislumbra a coruja sob outra perspectiva, fora do senso comum como é conhecida. A autora troca o adjetivo azarenta da corujinha por sorte, e convida o leitor curioso a buscar novas explicações para o novo adjetivo. Na capa, ainda que a autora utilize cores e traços fortes os tons em aquarela imprime a beleza e sensibilidade do tema.



Figura 46

Quira uma corujinha buraqueira é a protagonista desta história, conhecidas como azarentas por muitos o enredo desmistifica essa mal fama a respeito das corujas. A história propõe as crianças um evento cotidiano para que possam pensar o mundo e o seu senso comum. Arthur é um aluno novo da escola Lampejo, por lá todos já conhecem o valor do bom convívio com a natureza, mas para Arthur as corujas representam azar, por esse motivo chuta um filhote em sua tentativa de voo, mas logo todo seu entendimento a respeito da corujinha é modificado pela professora, que as apresenta como seres essenciais para natureza. o texto desencadeia sobre um teor aventuresco e crítico, passa a mensagem clara da necessidade de harmonia entre o homem e a natureza.



Figura 47

Também não descreve exatamente o lugar onde tudo acontece, sabemos apenas que um lugar rural, que já sente a presença da cidade urbana próxima. O texto e imagem se conjugam harmonicamente para levar o leitor regional a compreender o espaço onde desencadeia a narrativa.

O sol e suas cores quentes perpassa toda obra, é tão presente que ganhou uma página só para ele bem no início do livro, como uma dedicatória ao astro rei tropical. As cores estão por todas as partes da obra, apesar das cores quentes a ilustradora consegue suavizar quando necessário, o livro também delimitou espaços, toda imagética está nas páginas esquerda ficando apenas textos na direita, em nenhum momento se misturam.

Além do sol como rei, o serrado retratado é belíssimo cheio de cores, ipês, palmeiras e tantas outras espécies nativas. Todos os elementos da obra constroem um sentido gráfico, aqui as cores representam muito disso.

5.19 *Uma história de Princesa* (2021)

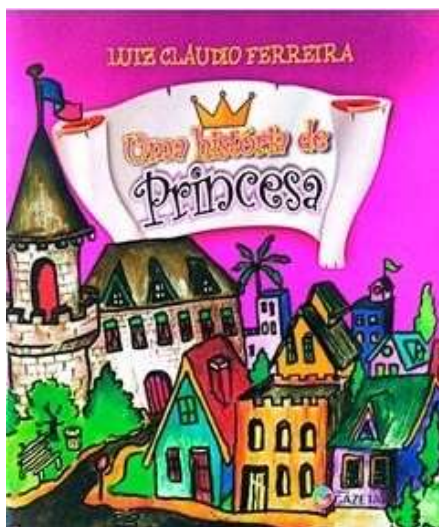


Figura 48 - *Uma história de princesa* (capa)

A literatura fantástica, *Uma história de princesa* publicada em 2021 pela editora Gazeta, do escritor Luiz Cláudio Pereira com incentivo da Lei Aldir Blanc, Auxílio emergencial da cultura e Prefeitura Municipal de Três Lagoas apresenta ao seu leitor uma temática sensível e universal, para além das temáticas regionais Sul-mato-grossense.

Ilustrado pelo próprio autor o livro em formato canoa, 43 páginas, capa brochura narra um lugar idealizado, perfeito, sem fraturas cotidianas, uma história distorcida do real e cheio de receios quanto ao diferente.

Em algum momento alguns personagens falam, no entanto, é o narrador que encaminha toda a narrativa e participa muito. A história vai se desdobrando diante de um narrador com palavras fluidas e ritmadas, “Calinda era doce como algodão-doce, e mais inteligente que muitagente.” pg 9. O autor também optou por um texto divertido, bem-humorado, mas tece fortes críticas utilizando humor ácido a respeito do atual sistema social. A obra é enquadrada por acontecimentos, como capítulos, no entanto, todas essas partes lembra cenas de teatro.

O enredo fluido com lances de aventuras, crises, resolução de problemas, segue o fluxodas histórias encantadas das princesas, mas Calinca não tem príncipe nem cavalo branco e muito menos é salva de eminentes perigos para viver felizes para sempre, inclusive o paradigma de felizes para sempre é quebrado aqui, o autor preferiu não confirmar o desfecho com os tão esperado felizes para sempre. Ela não ter um príncipe não significa que ele não habitou a história, pois ele habitou, com seu cavalo branco e tudo, mas seu interesse não foi

pela princesa.

A princesa Calinca era tão linda, segundo o julgamento de seu povo, que usava a bondade dela como padrão de beleza, é certo que de fato essa é a beleza verdadeira, porém, apesar de a julgarem linda suas ações eram preconceituosas, por ser linda a julgavam burra, o que toda cidade acreditava fielmente, mas a jovem princesa venceu o preconceito com muita inteligência, ainda que tenha passado por muitas dores.

O texto discorre em tom lúdico e suave, apesar do preconceito em seu contexto, a autor visa cumprir os designo literário apontando reflexões e diálogos, possibilitando o leitor olhar o texto em sua perspectiva. “As obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuições de sentidos àquilo que lê.” (CADEMARTORI, 2010, p. 17)



Figura 49 -A beleza da princesa

O texto e as imagens apresentam características medievais, ainda assim, o autor recorre a quebra de paradigmas distorcendo o tão distante das histórias encantadas das princesas, “Num reino bem, mas beeeem mais perto do que a gente pode imaginar, mora uma princesa” pg 4. Ao que se refere as ilustrações, como já citado, são imagens que representa os tempos medievais, com traços e palhetas de cores mais escuras desenhadas giz representando fielmente o texto.

5.20 A família Colorê (2022)



Figura 50 - A família Colorê (capa)

Publicada em 2022 pela editora UEMS, a obra escrita por Ronaldo Rodrigues Moises e ilustrada por Carmelina da Silva R. Moisés, aborda uma temática extremamente sensível. Sua composição gráfica estilo canoa, com capa em brochura contém 11 páginas, na primeira capa como de comum, além do título o nome do autor, do ilustrador e logo da editora da universidade estadual, a quarta capa uma pequena sinopse do enredo, logo e, a ISBN do livro, tanto uma, como a outra, tem o mesmo fundo em tons e textura como areia, por todos os espaços imagens de corações e bolas, as mesmas imagens está em todo miolo do livro em tons mais claros. O projeto gráfico também explorou a marcação das páginas para dialogar com o texto, observa-se que toda numeração na parte inferior vem cada um com uma cor diferente, o que enriquece todo projeto.

Em seu título, observamos o objeto central da história, uma família, possivelmente diferente, a palavra colorê aqui, evoca essa diferença, tal, observada nas múltiplas cores da tipografia. As imagens em torno do título corroboram com o sentimento de que, apesar de serem da mesma família e ainda que tenham certas semelhanças são diferentes.

Obra é toda constituída em versos rimados, seu ritmo e sonoridade apontam traços do cordel, o que não seria uma surpresa, haja visto, o autor tem origem nordestina. O enredo explora o cotidiano da família com a chegada de um novo membro, “consultas e mais consultas”, mas o que importa é um bom parto e a saúde do bebê, que tanto foi pedido por seuirmão. A família colorê, do pai Vermelho, mãe Lilás e filho verde, com ajuda do Pai das cores com muita alegria recebe o seu bebê, assim, o texto ilustra uma família feliz, distintos uns dos outros, no entanto suas diferenças apenas os completam.

Observa-se que a nova integrante da família é uma menina azul, o que quebra o paradigma das cores, o qual menina sempre é rosa, e para o menino fica o azul. As cores na

obra, são bem-marcadas através de seus personagens, tons suaves em pastel atravessam o livro. Exceto o caminho para consultório e o próprio consultório da página 9, toda ilustração é disposta sobre uma esfera em tom amarelo pastel, mesma cor da capa. Percebe-se a ilustrações como desenhos no estilo infantil, com traços marcados em giz, muito bem coloridos. As imagens são fiéis ao texto narrado, ou seja, o ilustrador seguiu à risca o que o texto pede, mas apesar de sua fidelidade ao texto, podemos observar na imagem a seguir . “A ilustração visualiza uma ideia.”, (CAMARGO, 1995, p.108) uma metáfora visual, nos dizendo, sempre seremos uma família embora as particularidades.



Figura 51 - A família Colorê

5.21 *Rodrigo Baguá o menino pantaneiro e a pescaria* (2023)

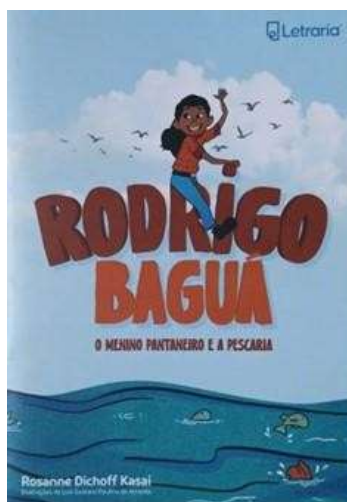


Figura 52 - *Rodrigo Baguá, o menino pantaneiro e a pescaria*

Publicado em 2022 pela editora Letraria, a obra escrita por Rosanne Dichoff Kasai, ilustrado por Luiz Gustavo Paulino de Almeida é uma típica obra regional, Rodrigo Baguá o personagem principal dessa história irá aventurar-se por essas terras conhecida como Pantanal, a maior planície alagada da terra.

Seu projeto gráfico cabe nas pequenas mãos do leitor, um livro com 18 páginas, em edição formato canoa, tamanho 20X15cm, capa brochura. Temos uma obra sem apresentações, dedicatórias ou prefácio, apenas a última página é dedicada as apresentações dos autores e ilustradores.

A capa apresenta seu protagonista montado na tipografia do seu nome, como se montasse um cavalo, as muitas águas e peixes característico do pantanal também ilustram a capa em tons harmoniosos. A palavra Baguá encontrado no título e no decorrer da narrativa setrata de uma nomenclatura muito regional, que para os homens dessa terra significa caipira, do mato, jagunço e não chega ser uma ofensa para os nativos acostumados com tais adjetivo que se comunicam.

O enredo discorre sobre um menino nativo do Pantanal que conhece muito bem o seu chão e compreende todo sistema do lugar, assim, apesar da dura lida do homem pantaneiro o pequeno baguázinho tira proveito dos seus dias aventurando-se nesse grande pântano, hora seco hora cheio. Narrada em terceira pessoa o texto tece o cotidiano desse lugar, em uma abordagem linguística regional e de fácil acesso ao pequeno leitor, através das aventuras do Rodrigo em suas cavalgadas e pescaria no rio Paraguai, toda beleza pantaneira é representada tanto na escrita quanto nas ilustrações que atravessam a obra sendo bem fiéis

ao texto.

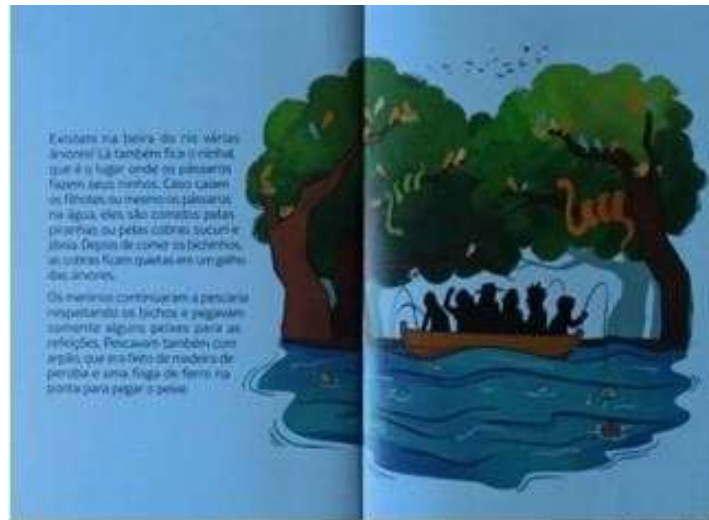


Figura 53 - Rio do pantanal

5.22 *Minha avó de 100 anos* (2022)



Figura 54 - *Minha avó de 100 anos* (capa)

O livro *Minha avó de 100 anos*, foi publicado no ano de 2022 pela editora Letraria, da autora Anna Dichoff com as ilustrações do artista Luis Gustavo de Almeida, permeiam em temas de difícil abordagem, como o luto.

A capa ilustra toda afetividade daquilo que pensamos e sentimos a respeito dos nossos avôs e avós, o título e a ilustração da capa permitem uma leitura única sem ambiguidade. Conforme Nikolajeva e Scott (2011), tem como título uma chamada, um convite, visto que, todo o título é um resumo da essência da história, até mesmo disposição do layout evoca uma admiração um espanto pela vovó que tem 100 anos.

Minha avó de 100 anos, conta uma história, onde um menino vive a partida eterna da sua avó de cem anos. Inicia-se com o personagem narrando, o quanto se sentia feliz e orgulhoso por ter uma avó com tantos anos vividos, fato esse o qual, ele gabava para todos os seus amigos, “Era só ouvir:” eu tenho uma avó com 100 anos” que as perguntas logo vinham” e, ele bem depressa contava aos seus amigos e curiosos os seus deleites com a vovó que tudo fazia devagar, como tantas outras vovozinhas por aí. Até que um dia, “Bem, a minha avó dormiu e não mais acordou”. Daí por diante o menino busca em seus sonhos, em suas memórias e no seu avô, matar a saudade de sua avó.

O texto finaliza com aconselhamento do personagem a respeito das vovós, “Esse você tem uma avó de qualquer idade, aproveite para pedir a benção e dar um longo e apertado abraço”.

Temos logo de início rimas e repetições, características da literatura infantil. No texto as rimas e as repetições são usadas como artifícios estilísticos fundamentais na formação da consciência linguística, a repetição dos sons da língua constrói uma boa percepção fonológica, o qual está na base da formação do leitor. No caso do texto, a repetição reforça uma ideia de característica das pessoas mais idosas, onde tudo é devagar. “Elas, geralmente, caminham devagar, pegam na nossa mão devagar, olham devagar, tomam banho devagar!”.

O texto se apresenta em uma ordem não linear, ou seja, tudo vai bem até a quebra da linearidade com o evento da morte da avó. Evento que advém de um mistério elucidado no texto com o verbo curtir no pretérito perfeito “Eu curti muito a minha avó” indicando uma ação no passado, fato elucidado também entre a narrativa e a ilustração. “Em boa parte dos livros para leitores iniciantes, observa-se que a ilustração constituiu um acontecimento narrativo que oferece informações que o texto escrito, em geral, enxuto para se adequar à competência textual do destinatário, não ofereceu” (CADEMARTORI, 2010, p.20). Essa interação entre a linguagem visual e a verbal, palavras e imagem, dividem espaços no livro, enriquecendo seu aspecto visual e estimulando a criança a aflorar seus sentimentos e possibilidades, construindo significados com as ilustrações, linguagens e seus efeitos.



Figura 55 -vazio do espaço representando a partida da avó.



Figura 56 - O menino chorando por sua avó

Além da quebra da linearidade com mistério, o texto apresenta outros elementos como: problema (a morte da sua avó), desafios (superação e aceitação do luto) e o elemento mágico para superar a dor (a imaginação, sua avó foi levada pelos anjos para viver em um lugar melhor encontrar pessoas queridas). A autora fecha a narrativa, ela põe um fim no desfecho da história, ao final o menino resolve seus conflitos internos.

O texto sai do empírico para o lírico, não termina na fé, mas na palavra. Não é apenas uma avó, é a Constancia, um nome ilustrativo daquilo que é constante, não morre, é sempre constante, está no céu em sua infinitude, ainda que devagar.

Observa-se um certo distanciamento do lugar-comum, onde o folclore regional o pantanal com sua fauna e flora é protagonista quase que absoluto nos enredos literários do nosso estado, apesar do diálogo com a vovó aqui representado como o tradicional. Não encontramos aqui um regionalismo perene, a obra escrita pela autora sul-mato-grossense, abarca um enredo moderno, dialogando com seu público mirim em uma linguagem acessível com temática sensível e harmoniosa, sendo autorreflexiva, apresentando a literatura como um espaço de experimentação, distante do viés utilitarista.

5.23 *Bela Adormecida em Cordel* (2023)



Figura 57 - *A Bela Adormecida em Cordel*

O livro *A Bela Adormecida em cordel* de 2023 é o livro número 4 de um projeto incentivado pelo Fundo de Investimentos a Produção Artística e Cultural FIP, composto por 10 títulos do gênero para o público infantojuvenil. O conto clássico da *Bela Adormecida* transforma-se em literatura de cordel pela autora Aurineide Alencar.

A obra é uma manifestação artística, como uma cultura popular que vêm se mantendo viva repleta de simbologia e tradição. Em formato de folheto, comum na literatura de cordel, carrega um material poético típico nordestino onde nasceu no Brasil influenciado pelos portugueses.

A Bela Adormecida em cordel tem sua composição métrica em sextilha, com 20 estrofe e rimas do tipo ABCBDB o que fortalece o ritmo da temática de todo enredo do conto de encantamento da princesa e seu castelo encantado, convidando os leitores a declamação em bom tom, característico dessa literatura, onde o texto é pensado em sua forma de oralidade. Sua métrica, estrofes, versos e rimas são muito bem pensados e elaborados pela autora, seus perfeitos versos ritmados com medidas calculadas bem distribuídas facilita a memorização do gênero poético popular.

Seu projeto gráfico aparenta-se simples, mas é potente quanto a tradição, ainda no que concerne as imagens, o teórico afirma, “A ilustração é um dos elementos do projeto gráfico. Olvíro pode não ser ilustrado, mas tem sempre um projeto gráfico.” (CAMARGO, p.18, 1995). É o caso desta obra, em que a ilustradora Jacira Marschener ilustrou apenas a capa usando técnica de gravura em madeira, a xilogravura, típica dos cordéis, já no miolo

do folheto encontramos apenas os versos dos textos, estilo padrão no gênero. Dessa maneira, o projeto gráfico dos cordéis, ainda que no espaço infantojuvenil, permeiam toda obra, por sua amplitude de arranjos.

A seleção de obras apresentadas aqui, exibe e explana, de maneira literal, uma literatura viva e pulsante que versa sobre as relações humanas e suas complexidades, refletidas transcende suas páginas, e se tornam um refúgio seguro para seus leitores. Nesse sentido, compreende-se tal seleção como uma vitrine, o qual por meios de pesquisadores foram fundamentadas em seus aspectos teóricos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil e juvenil é um universo fascinante, repleto de histórias encantadoras e personagens que habitam o imaginário de gerações. Em nossa pesquisa nos propomos a explorar um pouco desse contexto histórico e suas nuances, entendendo-a como uma trajetória rica e diversificada, e sua evolução de séculos reflete não apenas mudanças literárias, mas também sociais e culturais.

A literatura regional de Mato Grosso do Sul aqui apresentada, segue por esse mesmo caminho, sendo abastada e matizada, com muitos talentos que contribuíram e ainda o faz, para a construção, de uma “identidade literária” do estado.

Ainda que a pesquisa se delimite em um espaço e tempo cronológico específico, de duas décadas, ela não buscou um tom regionalista debruçado nas entrelinhas dos textos, ou delimitar as obras apresentadas em uma literatura rígida de cunho regional, não há intenção em enquadrá-los apenas, em condições geográficas, sim apresentar autores e suas respectivas obras que tenha em comum o mesmo chão, seja de nascença ou de vivência. Diante desta perspectiva compreende-se que “A literatura é um bem simbólico, resultado da construção do imaginário e não obedece a fronteiras político-geográficas ou econômicas, marcando-se, sobretudo, pelo trânsito discursivo.” (ROSA, NOGUEIRA E MENEGAZZO, 2013, p. 7)

Assim, o projeto de pesquisa desenvolvida como dissertação de mestrado tece essas vozes literárias que compartilham o mesmo espaço, autores que enriquecem o local com inúmeras produções e variações estilísticas. Considerou-se um certo quantitativo de produções literárias, no sentido de perceber o que se escreve por aqui, na tentativa de conhecer e compreender o fazer literário de Mato Grosso do Sul, suas práticas e caminhos.

Ao conceituar este pressuposto, compreendemos que mais da metade das obras pesquisadas, permeiam de modo geral em um discurso ou linguagem equivalentes, compartilham um o mesmo ângulo de visão, a respeito do espaço e seus personagens infantis, que por hora remetem às memórias do autor. Em grande parte, os textos acabam por afirmar a marcação de território em seus espaços, imprimem um ambiente identitário disposto em fragmentos da natureza, especificamente pantaneiro e interiorana. Percebe-se também uma tendência identificada de escrita em suas temáticas, o qual perpassam por questões sociais e a perduração do tradicional, esta matéria de narrativa, ocorre sobretudo desde o princípio e não se esgota, talvez, por motivos de sua juventude literária.

Consideradas as margens dos grandes centros, as obras apresentadas aqui, tem um

perfil um tanto diferente, ao compararmos com obras fora da nossa região. Em sua maioria estão sempre carregadas com muitos paratextos, em especial agradecimentos e dedicatórias, também temos os prefácios, sinopse, homenagens, mensagem dos autores, suas obras, biografia dos autores e ilustradores, ao passo que, nos grandes centros a literatura infantil em sua grande maioria não são carregados com tantos paratextos.

A pesquisa esbarrou-se também, na falta de trabalhos, registros e estudos a respeito do gênero em nosso estado, apenas menções raras e dispersas em poucos livros, impondo muitos obstáculos à pesquisa. A dificuldade para encontrar as obras infantis como escopo do estudo colaborou com a incompletude do trabalho, o qual tinha como maior objetivo, apresentar tais produções, demonstrando que mesmo, tão jovem tanto o estado quanto as produções, esse espaço é fecundo e carente de muitas pesquisas e espaços para se apresentarem. Ao passo que, as produções estão veementes trabalhando intensamente, muitos autores têm se dedicado ao gênero com muita nobreza e desejo de edificar a literatura infantojuvenil, a tornando mais visível e valorizada, longe do senso comum, onde é colocada em um lugar menor e sem prestígio, a sombra da literatura para “adultos”.

Ao abordarmos a literatura infantojuvenil sob perspectiva multiforme, não se pode deixar de considerar as suas inter-relações com outras mídias conforme abordadas por Claus Clüver³, o qual diferentes mídias se encontram, em um universo de múltiplas interações, com mútuas influências e conexões, exercendo copiosas experiências de narrativas em seus leitores. A literatura infantojuvenil, em especial, é arraigada desses diálogos abordados pelo autor, podendo ser observadas nas inúmeras transposições midiáticas encontrados nas telas de cinemas. Apesar disso, ainda que, compreendemos tal relevância dessas relações, não foi possível abordar com mais vigor, visto que, a pesquisa concentrou-se atenuamente em mostrar uma potente literatura Sul-mato-grossense. Ainda assim é evidente a presença de outras mídias a exemplo, *Kikiô* e *Tiquinho do pantanal* obras apresentadas aqui que fazem diálogos com outras artes, como a música em *KIKIÔ* e na obra *Tiquinho do pantanal* sua relação com as artes plásticas, porém limitaremos apenas em apresentar tais relações com intuito de demonstrar sua importância, ao se pensar em literatura infantojuvenil.

³ Claus Clüver é Professor Emérito de Literatura Comparada na Indiana University, Bloomington. Conhecido por suas pesquisas pioneira nos estudos interartes e intermediáticos, Clüver publicou extensivamente sobre a relação entre literatura e outras formas de arte. Seu trabalho oferece uma compreensão aprofundada das interações entre diferentes mídias e a literatura

7. REFERÊNCIA

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ALENCAR, A. **A bela adormecida em cordel**. Dourados: Fundo de Investimento à Produção Artística e Cultura de Dourados (FIP), 2023. 8 p.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- AZEVEDO, Fernando José Fraga de. **A literatura infantil e o problema da sua legitimação**. 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1988.
- BARBOSA, E. V. S. **Ela é...** 1. ed. Brasília: Avá Editora Artesanal, 2020. 34 p.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BARROS, Manoel. **Poeminha em língua de brincar**. São Paulo: Companhia da Letrinhas. 2019.
- BARROS, Manoel. **Cantigas por um passarinho à toa**. São Paulo: Companhia da Letrinhas. 2018.
- BENITES, Maristela. **Quira, a coruja da sorte**. Campo Grande: Editora da Autora, 2021.
- BERGALO, Laura. **Alice no espelho**. São Paulo: Edições SM, 2015.
- BREMM, M. B. **A eterna magia das fábulas**. 1. ed. Campo Grande: Gráfica Gibim e Editora, 2013. 80 p.
- BRENMAN Ilan. **Até as princesas soltam pum**. São Paulo: Brinque-book, 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad.: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOGO, Marc Barreto. **Inovação e o sentido de vanguarda no design gráfico editorial**. **DAPesquisa**, v. 11, p. 201-217, 2016, p. 203.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** Coleção Primeiros Passos. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CALVIS, SOUZA. Mara, Luciana. **Tuco o tucano bom de bico e os sabores de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Vida Produções, 2022.
- CANTÚ, A. **Planeta dos Carecas**. 1. ed. Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2012. 36 p.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Editora Lê, 1995.

- CAPPARELLI, Sérgio. **Duelo do Batman contra a MTV**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p.12.
- CESCO, S. **Histórias de Dona Menina**. Campo Grande: FIC/FCMS, 2014. 52 p.
- COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novais. **O conto de fadas**. São Paulo: Ártica, 1987.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2023.
- DE ANDRADE, C. L. D. **Lilica, a galinha árvore!** 1. ed. Campo Grande: Appostolos Gráfica, 2017. 36 p.
- DE ARRUDA, I. S. **As aventuras de Catiú, um quati aventureiro**. 1. ed. Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2012. 32 p.
- DE OLIVEIRA, Eliane Maria. 26. A literatura infantil nas bordas. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75, Supl., p. 390-99, 2019.
- DE SOUZA, A. A. A. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula. (Coleção formação de professores)**. Campinas: Autores Associados, 2010. 112 p.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Campo Grande: Alvorada, 2012.
- DICHOFF, Anna Lúcia Almeida. **Minha avó de 100 anos**. Araraquara: Letraria, 2021.
- ESPÍNDOLA, Geraldo. **KIKIO** Campo Grande: Alvorada, 2015.
- FERREIRA, L. C. **Uma História de Princesa**. 1. ed. Amambai: Editora Gazeta, 2021. 44 p.
- FERREIRA, Stael Moura da Paixão. **A literatura fronteira e a perspectiva semiótica de greimas**, 2009
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.
- Gregorin Filho, José Nicolau. "**Concepção de infância e literatura infantil**." *Linha D'Água* 22(2009): 129-135.
- GIRÃO, Luis; CARDOSO, Elizabeth. O livro-imagem na literatura para crianças e jovens: trajetórias e perspectivas. **Em Aberto**, v. 32, n. 105, 2019.
- GIRÃO, Luis Carlos; CARDOSO, Elizabeth. O LIVRO ENQUANTO OBJETO NA LITERATURA INFANTIL: UM PANORAMA CRÍTICO. **VERBO DE MINAS**, v. 19, n.

34, p. 97-122, 2018.

GIRÃO, Luis Carlos Barroso de Sousa et al. **O objeto-livro infantil: perspectivas crítico-estéticas entre literatura e outras mídias**. 2021.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira história & histórias**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1985.

KASAI, D. Rosanne. **Rodrigo Baguá o menino pantaneiro e a pescaria**. Araraquara: Letraria, 2022

KARRÚ, L. S. **Chico: o menino pantaneiro**. Campo Grande: IACBEAS, 2012. 56 p.
Kirchhof, E., & de Souza, R. (2019). **A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades**. *Em Aberto*, 32(105).

LEAHY-DIOS, Cyana. “**A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos**”. In: RETTENMAIER, Miguel (Org.); RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Questões de literatura para jovens**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LOTMAN, Y. M. **Estructura del texto artístico**. Madrid: Ediciones Istmo, 1982.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 111-130, 2019.

MATO GROSSO DO SUL. Governo. Disponível em: <<http://www.ms.gov.br/a-história-de-ms/>>. Acesso em: ago. 2022.

MOURÃO, Marlene. **Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai**. Corumbá: Editora UFMS, 2002.

MATTJE, Gilberto Dari. **Caco**. Campo Grande: Editora Alvorada, 2014.

MELLO, Roger. **Inês**. Ilustrações Marianna Massarani – 1. Ed. – São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2015.

MOISES, R. R. **A família colorê**. 23. ed. Dourados: Editora UEMS, 2022. 11 p.

MONTEIRO, M. L. **Tiquinho do Pantanal**. 2. ed. Campo Grande: Centro Gráfico RuyBarbosa, 2008. 40 p.

MORICONE, Renato. **Bárbaro**. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2013

MOREYRA, Carolina. **Lá e Aqui**. Ilustrações Odilon Moraes – 1. Ed. – Rio de Janeiro. PequenaZahar, 2015.

NAVEIRA, R. **Guto e os bichinhos, 1**. 1. ed. Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2012. 60 p.

NIKOLAJEVA, SCOTT. Maria, Carole. **Livro ilustrado: Palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

- NOGUEIRA, SÁ ROSA. Albana Xavier, Maria da Glória. **A literatura Sul-mato-grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande: Life, 2013.
- NOGUEIRA, MENEGAZZO, SÁ ROSA. Albana Xavier, Maria Adélia, Maria da Glória. **Antologia de textos da literatura Sul-mato-grossense**. Campo Grande: Life, 2011.
- PELLEGRINI, Fábio; SENA, M.F.G. (Orgs.) **Vozes da Literatura**. Campo Grande: FCMS, 2014.
- PELLEGRINI, Fábio; SENA, M.F.G. (Orgs.) **Vozes da Literatura**. Campo Grande: FCMS, 2014.
- PONTES, José Couto Vieira. **História da literatura Sul-mato-grossense**. São Paulo: Editorado Escritor, 1981.
- ROCHA, G. **A Filosofia da Bola**. 1. ed. Campo Grande: Life Editora, 2013. 72 p.
- SANDRADE, Sandra. **A menina que virava onça**. Campo Grande: Brasília, 2013.
- SOUZA, Tânia. **Bichinhos da Horta**. Campo Grande 2018.
- REIS, Elpídio. Ponta Porã–Polca, Churrasco e Chimarrão. Rio de Janeiro, 1981.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Global, 2008.